



2010

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

- [20.02.2010](#) – Inauguração de Monumento em Arouca
- [23.02.2010](#) – Exposição das Comemorações do 100.º Aniversário da I República
- [15.03.2010](#) – Inauguração do CAMPS de Coimbra
- [10.04.2010](#) – Dia Nacional do Combatente
- [22.04.2010](#) – Assinatura dos Protocolos dos Programas Estruturantes com o MDN
- [04.05.2010](#) – Lançamento do Livro «Revisitar Goa, Damão e Diu»
- [15.05.2010](#) – Inauguração do Núcleo da LC em Campo Maior
- [18.06.2010](#) – CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
- [08.09.2010](#) – Condecoração do Presidente da LC na Embaixada da Rússia
- [16.09.2010](#) – Lançamento do livro «Guaritas – Arte e Engenho»
- [21.09.2010](#) – Dia Internacional da Paz
- [25.09.2010](#) – Inauguração do Núcleo da LC em Mirandela
- [12.10.2010](#) – Liga dos Combatentes – Imagem Sempre Renovada
- [13.11.2010](#) – 92.º Aniversário do Dia do Armistício da Grande Guerra, 87.º Aniversário da Liga dos Combatentes e 36.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar
- [17.12.2010](#) – Mensagem de Natal

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO E NÚCLEO DA LC - AROUCA

20 de fevereiro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Arouca; Exmo. Senhor General Pereira Bonito; Exmas. Autoridades Cíveis Religiosas e Militares; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Arouca da Liga dos Combatentes; Exmo. Senhor Presidente da Comissão do Monumento

Caros Combatentes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Arouca e o município, com as suas vinte freguesias, são hoje um ponto importante no universo dos combatentes que serviram ou servem Portugal. Aqui, hoje, na sequência da tradição histórica secular das terras de Arouca, escreve-se uma dupla página de cariz cultural e humano que esperamos, perdure na memória e no sentimento dos que em Arouca vivem no presente e dos que aqui chegarão no futuro. A mesma memória coletiva que nos chega até hoje, vindo dos remotíssimos celtas e romanos povoadores destas terras silenciosas, ou a memória das belas perspectivas alcantiladas cujos declives permitiram aos paleolíticos arremessos e acertados zagalotes de guerrilheiros de Arouca e Alvarenga levarem a retroceder.

A Serra de Freita e o rio Arda são disso testemunhas. É, pois, dia de regozijo para a população e Combatentes de Arouca e dia de regozijo para a Liga dos Combatentes como um todo. Por um lado, inauguramos um padrão ao esforço e sacrifício das gentes desta terra que durante um longo período de vinte anos partiram ou viram partir seus netos, filhos, maridos ou pais incorporando e sofrendo as interrogações e sofrimento que qualquer expedição ou guerra acarretam, nomeadamente na Índia ou em África. Durante períodos que pareciam não ter fim e a dezenas de milhares de km de distância.

É um facto que ultrapassados os momentos difíceis, a generalidade regressou humanamente enriquecida por outros mundos e outras gentes, mais consciente e capaz de enfrentar os graves problemas da vida. Alguns, porém, acabaram por sofrer física e mentalmente os horrores da guerra e outros deram a própria vida. Como é nosso lema afirmar, dizemos: - a Liga não esquece. Todos merecem o nosso respeito e reconhecimento e disso damos testemunho em permanência. Por outro lado, por feliz iniciativa dos Combatentes de Arouca, inauguramos mais um núcleo da Liga dos Combatentes, enriquecendo assim a nossa histórica, quase secular e perene instituição. É talvez interessante e importante assinalar que a inauguração do monumento materializa o centésimo trigésimo quarto padrão que as gentes de Portugal decidiram erguer em honra e memória dos Combatentes da guerra em África 1961-1974. Entre 1974 e 2004, ou seja, em trinta anos, ergueram-se 52 monumentos. Nos últimos seis anos ergueram-se por vontade popular, municipal e dos combatentes mais 82 monumentos, o que perfaz a quantia de 134 monumentos, sobre os quais a Liga dos Combatentes assume a missão histórica e compromisso moral de garantir a sua respeitabilidade e dignidade e que aos mesmos não seja dado destino diferente daquele para que foram erguidos.

Arouca é assim o 134.º monumento que se junta a este sentimento coletivo e profundo de respeito e agradecimento para com os que serviram Portugal, de armas na mão, em momento difícil da sua história. Não há vozes que abatam esse esforço e sacrifício do cidadão soldado, no cumprimento de uma missão militar de que só tem que se orgulhar, porque nunca lhe foi pedido

para ser responsável político, enquanto estes lhe determinavam que se batesse com armas, na defesa do que então consideravam os interesses vitais de Portugal. De realçar igualmente que os Combatentes de Arouca, organizando-se em torno da Liga dos Combatentes, na promoção da história e dos símbolos nacionais, na defesa dos valores éticos e morais do país, bem como no apoio mútuo e solidário para com os Combatentes e famílias mais carenciados e ainda na promoção da cultura, da cidadania e da defesa.

Enfim, na honra aos mortos e na luta pela dignidade dos vivos, Arouca junta-se a oitenta e quatro núcleos, vinte dos quais criados nos últimos cinco anos.

Em 2010 tivemos já a satisfação de ver surgir os núcleos de Mirandela e Campo Maior e estamos hoje, oficialmente, materializando a decisão da Direção Central de 4 de fevereiro, com a criação do núcleo de Arouca da Liga dos Combatentes, constituindo-se no octogésimo quinto núcleo da nossa instituição. Pelo que vos venho transmitindo será fácil constatar que somos uma instituição viva e atuante, com programas estruturantes que abrangem a Liga solidária, a conservação das memórias, a cidadania cultura e defesa, os cuidados de saúde, a inovação e modernização e a passagem de testemunho aos que hoje se batem nos novos conflitos em que Portugal participa. Tal como nós fomos os continuadores dos que se bateram na I Grande Guerra, eles serão no futuro, os que não deixarão no esquecimento o nosso sacrifício e o nosso esforço e se baterão pelos valores que dão estrutura à condição militar em qualquer circunstância. Qualquer cidadão português se pode fazer membro da Liga dos Combatentes bastando para isso que se reveja nos valores e objetivos humanitários que prosseguimos. Contamos convosco no apoio aos combatentes de Arouca e do país.

Meus senhores e minhas senhoras

Permitam-me que agradeça ao senhor presidente da Câmara de Arouca todo o seu apoio para que este acontecimento tivesse lugar. Ao senhor presidente da Associação dos Combatentes Arouquenses e agora presidente do núcleo de Arouca da Liga dos Combatentes e a toda a Direção bem como à comissão para o monumento os parabéns e desejos das maiores felicidades dos objetivos agora alargados. Ao arquiteto e executor da obra os nossos parabéns e agradecimentos. Permitam-me uma referência muito especial ao General Álvaro Pereira Bonito que hoje vê materializado um sonho seu de longa data, que sempre me segredou gostaria de ver um dia materializado. A todas as entidades e população de Arouca que nos quis acompanhar neste dia festivo para homenagear os que serviram e servem as Forças Armadas Portuguesas, o nosso muito obrigado garantindo que contam connosco e nós contaremos convosco para que este monumento seja sempre um monumento vivo e estimulante dos valores porque nos batemos como portugueses

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

A LIGA DOS COMBATENTES NA EXPOSIÇÃO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

23 de fevereiro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Primeira República. Primeira Grande Guerra. Liga dos Combatentes. Trilogia que marca o século vinte português. Sacrifício, Guerra. Solidariedade. Trilogia que marcando toda uma época se transmitiu de combatente em combatente, de família em família, até aos nossos dias. O 9 de Abril, hoje Dia do Combatente, é no nosso sentir profundo, uma marca do esforço do soldado português ao longo das épocas.

O 11 de Novembro, Dia do Armistício, transformou-se no país e em toda a Europa num verdadeiro Dia da Paz entre as Nações. Nós, Liga dos Combatentes, herdeira dos valores morais e materiais de uma História e de uma Tradição, patriótica, humanista e cosmopolita, escrita pelos Homens-Soldados com suor e sangue português na lama europeia da Flandres e nas florestas e capins de Angola e em Moçambique, aqui estamos mais uma vez testemunhando e dizendo em voz forte: A Liga dos Combatentes não esquece.

E a estrada da História marcou-nos, geração do fim do século XX, com fenómeno semelhante atirando-nos para terras africanas à procura dos interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só a Pátria tem direito de exigir. Hoje, conhecedores da misericórdia, solidariedade, apoio mútuo que ao longo de quase um século, a Liga dos Combatentes, garantiu a combatentes deficientes, traumatizados, idosos, carenciados, excluídos socialmente incluindo suas famílias, numa ação complementar dos deveres do Estado, sem nunca ter fechado as suas portas, permite-nos gritar bem alto, àqueles que se batem hoje fora das fronteiras do país, na defesa dos interesses nacionais, que vale a pena respirar o ar do dever cumprido. E se algum dia, após o regresso, a vida os trair, sabem que existe uma Instituição Perene que os apoia hoje e apoiará no futuro.

O Passado, o Presente e o Futuro, trilogia da Vida conjugaram-se na Liga dos Combatentes, desde a Primeira República aos nossos dias, sempre da mesma forma:

Solidariedade... Solidariedade... Solidariedade

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE APOIO MÉDICO PSICOLÓGICO E SOCIAL (CAMPS) EM COIMBRA

15 de março de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor SEDNAM

Permita-me que agradeça a V. Ex^a ter-se dignado estar presente nesta cerimónia simples, mas muito significativa, para o desenvolvimento de uma das atividades fundamentais da Liga dos Combatentes e para a sua modernização.

Nunca é demais recordar os fundamentos da nossa razão de existir e consta da Ata nº 1 da nossa fundação:

Face ao abandono e incapacidade do Estado para fazer face aos graves problemas que os combatentes enfrentaram ao regressar da IGG, a Liga dos Combatentes organizou-se como Instituição imanente da Sociedade Civil para garantir solidariedade e apoio mútuos para com os mutilados, gaseados, doentes, carenciados, excluídos, idosos e suas famílias e assim tem sido até hoje após, outros conflitos e será no futuro.

Comprometeu-se então o Estado a apoiar a Liga dos Combatentes e, da mesma forma, consta hoje nos Estatutos da Liga dos Combatentes, esse compromisso histórico e permanente dos Governos.

Por outro lado, no Art.º 2.º estabeleceu os objetivos da nossa Instituição é referido que a Liga se obriga a cooperar com as Entidades Governamentais e Institucionais no apoio aos Combatentes em especial os mais carenciados.

Consideramos por isso natural que sentindo o Estado dificuldades em garantir o apoio à saúde dos Combatentes, se socorra da Instituição como a Liga dos Combatentes, sobre a qual tem tutela e lhe garanta os meios necessários à melhoria do apoio à saúde física, mental e à inclusão social dos combatentes.

Surgem assim Despachos ao nível do Ministério da Defesa Nacional que vêm complementar falhas nomeadamente aos Sistema nacional de Saúde e da Rede Nacional de Apoio ao Nível do Ministério da Saúde.

Desses Despachos resultaram Protocolos que foram assinados entre o MDN e a Liga dos Combatentes e que no âmbito da Saúde, é exigente quanto aos meios humanos e infraestruturas necessárias para que esses apoios fossem concedidos.

Daí resultou que desde há dois anos a esta parte a Liga dos Combatentes inovou e modernizou o apoio tradicional que vinha garantindo, normalmente em simbólico e reduzido apoio financeiro que pouca capacidade tinha para a resolução efetiva de problemas de combatentes e pouco tinha de apoio e contacto humano. Hoje encerramos o primeiro ciclo desse Programa Estruturante a que chamámos “Cuidados de Saúde” e que materializa, no terreno, o objetivo definido em 2003 com a elaboração do estatuto daquilo que denominámos “Centro de Estudos de Apoio Médico, Psicológico e Social” e que se tornou uma realidade.

Se há hoje alguém recompensado, satisfeito e de consciência tranquila, sou eu. Por isso agradeço a todos os que permitiram que estes objetivos fossem alcançados.

A partir daqui, direi que não há crise que justifique que a mesma deva ser paga com a falta de apoio à saúde física e mental dos Combatentes carenciados, à sua recuperação e inclusão social, enfim à defesa e promoção da Solidariedade e dos Valores Históricos, Culturais, do Ensino e do Trabalho que os nossos Estatutos tão claramente explicitam. Somos equiparados a IPSS, mas antes do sermos, já o éramos e continuaremos a ser.

Cabe aos homens, tomarem em suas mãos e otimizar a organização e infraestruturas recebidas. Felicito-me por ver presentes responsáveis por órgãos de saúde locais. Só em conjunto e em trabalho coordenado e cooperante poderemos multiplicar as nossas potencialidades e garantir um melhor apoio.

Agradeço à Direção do Núcleo de Coimbra e ao seu Presidente, Cor Teixeira, ao Cor. Hilário, Vogal da DC responsável por esta área, ao Major Dr. António Correia, Psicólogo clínico, grande impulsionador, entusiasta e coordenador deste projeto e finalmente ao Dr. Silva. Santos e sua equipa que assumem a responsabilidade de pôr a funcionar e desenvolver este projeto no Centro do País.

Ao Sr. Presidente da Câmara de Coimbra o nosso muito obrigado por mais uma vez estar presente numa ação da Liga dos Combatentes e por todo o apoio e compreensão que tem demonstrado. A todas as entidades e autoridades que nos deram a honra da vossa presença muito obrigado a todos. Termino, citando o nosso próprio grito:

*Liga dos Combatentes?
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes?
Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA NACIONAL DO COMBATENTE – BATALHA

10 de abril de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República, Excelência

Preside V.^a Ex.^a hoje às comemorações do Dia do Combatente.

Permita que, na pessoa de V.^a Ex.^a, me dirija a Sua Ex.^a o Presidente da República, mas também ao Comandante Supremo das Forças Armadas e ainda ao Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes e também ao cidadão-soldado que, em determinado tempo da sua vida, foi mobilizado para, no cumprimento do seu dever, servir Portugal num Teatro de Operações em África.

Situação ímpar, irrepetível noutros ambientes e só repetível entre nós combatentes, o que constituindo uma subida honra, constitui igualmente oportunidade para uma partilha de sentimentos comuns. Digna-se V.^a Ex.^a presidir a uma cerimónia do mais alto significado para os que serviram e servem Portugal nas Forças Armadas. A presença do Comandante Supremo das Forças Armadas num dia em que se evocam os Combatentes de Portugal, nomeadamente aqueles que, conhecidos ou desconhecidos caíram no campo da honra, testemunha o seu reconhecimento pessoal e permite que o acontecimento se projete no imaginário de toda a população portuguesa, através dos inestimáveis canais da comunicação social.

Caros Combatentes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Comemoramos hoje mais um Dia do Combatente. A Liga dos Combatentes fá-lo tal como o fez durante décadas, com o apoio dos Chefes de Estado-maior dos Ramos das Forças Armadas a que se juntaram desde 2003 a generalidade das Associações de Combatentes.

Significa isso que evocamos o homem português, os seus feitos e suas dificuldades, sempre que foi chamado a construir Portugal e a defendê-lo. Nos primeiros três séculos, saindo de Guimarães consolidou nos Algarves a conquista do seu “Primeiro Império”, a que chamou e ainda hoje chama, Portugal. No século XV e por um período de cinco séculos, construiu e desenvolveu o seu “Segundo Império” a que chamou de Ultramar. Quis a História que aos combatentes do século vinte fosse em permanência solicitado, pelo poder político, para que defendessem o “Segundo Império”. Disso a Liga dos Combatentes é testemunha ocular e vivente. Assim foi nomeadamente na primeira Guerra Mundial.

Assim foi na Guerra do Ultramar, até que as circunstâncias os conduziram a participarem ativamente no fim desse mesmo “Segundo Império”. Reconduzidos à primeira condição, ambicionam agora que se lhe apresentem solicitações para participarem na construção de algo de novo, agora em comunhão com os seus amigos e aliados. É espectável que possam agora ser solicitados a participarem na construção de um “Novo Império”: O Império do Desenvolvimento, da Democracia e da Paz.

Tudo indica que esse “Novo império”, em construção com a participação do cidadão e combatente português, se chame Europa. De facto, não faz parte da nossa idiosincrasia, não sabemos, nem

podemos ficar olhando apenas para o que se passa junto a nós ou para além do monte. Temos que, como sempre, conhecer e preocuparmo-nos com o que está para além do horizonte. Foi com esse olhar que construímos a primeira aldeia global e mudámos o mundo. É esse olhar e conhecimento profundo, do espaço e do tempo, que deve ajudar-nos a reconstruir o futuro, rejubilando com sucessos e ultrapassando crises. É atribuída a Camões a frase: *Morro mas morro com a Pátria*. Camões foi o nosso maior poeta, mas não o nosso maior profeta. Quinhentos anos depois aqui continuamos nós, evocando a nossa e sua ditosa Pátria.

A estrada da História marcou-nos, a nós, gerações do século vinte, atirando-nos para terras africanas à procura dos interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só essa Pátria tem o direito de exigir. Não vimos hoje aqui, porém, evocar, celebrar ou comemorar a guerra ou alimentar o “Mito da experiência de Guerra”. Mas sublinhamos e damos relevo à necessidade de uma conservação e construção memorial que quer a 1.ª República quer a Ditadura, a seu modo, menosprezaram e que só a existência de Instituições como a Liga dos Combatentes, nos permitiram trazer até hoje. Lembramos a trilogia que nos reúne neste dia: No Quadro das Comemorações do Centenário da Primeira República, evocamos em especial o Combatente Português na Primeira Guerra Mundial, na Guerra do Ultramar e nas Operações de Paz e Humanitárias.

O Século vinte acaba por criar, por força da força dos combatentes participantes naqueles conflitos, uma espécie de religião cívica, com base em símbolos universalizantes, no espaço e no tempo, e que passam:

- Pelas datas comemorativas do 9 de abril, 10 de Junho e 11 de novembro, celebrados há quase um século; para além do 5 de outubro e do 25 de Abril;
- Pelos mortos dignificados em talhões militares em Portugal e no estrangeiro;
- Pelas centenas de monumentos erguidos, mais pela força e sentimento populares, de famílias e de combatentes, do que pela assunção dos governos;
- Pelas cerimónias evocativas das vitórias conseguidas e derrotas sofridas.

A cerimónia de hoje, conjugando ao mais alto nível, a memória oficial com a memória pública é mais um momento com significado histórico, pois aproxima os Homens, rejuvenesce a assunção da História, fortalece a memória coletiva e trás aos combatentes o reconfortante e quantas vezes ilusório sentimento de que nunca estiveram, nem estão sós.

Se é importante preocuparmo-nos em conhecer o que está para além do horizonte, não deixa de ser importante e mesmo fundamental dominar os problemas que se encontram no ambiente que nos envolve. Por isso, no que nos diz respeito, a resolução dos problemas e a dignificação dos que servem ou serviram as Forças Armadas é uma preocupação permanente das Associações de Combatente.

Sentimos que os combatentes e seus problemas não devem ser utilizados como arma de propaganda política. Nem os vivos, nem os mortos... Estes, os mortos, também não suportam demagogia e requerem dignidade. É esse o sentido das difíceis ações que a Liga dos Combatentes vem desenvolvendo em África e no mundo. A demagogia ofende a memória de todos, em particular dos mortos de Richebourg, Boulogne-sur-Mer, Antuérpia e Londres e Salomé onde

repousam com dignidade há mais de 90 anos, 1878 soldados de Portugal, caídos na primeira guerra da Republica. Lutamos igualmente pela dignidade dos combatentes vivos.

Neste dia, ao evocarmos as nossas vitórias e nossas derrotas que são vitórias e derrotas de Portugal, não podemos deixar de recordar e sintetizar as necessidades de reconhecimento e de apoio do Estado que tais vitórias e derrotas acarretam para os combatentes e suas famílias:

- Apoio à sua saúde física e mental;
- Apoio social e à inclusão social;
- Apoio à cultura da cidadania, segurança e espírito de defesa dos portugueses.

Muito tem sido feito.

Muito resta por fazer em apoio de combatentes deficientes, traumatizados física e mentalmente, idosos, carenciados, excluídos socialmente.

Eles vivem em crise permanente.

A crise temporária que nos afeta a todos, não pode justificar um menor apoio à sua crise permanente.

Minhas senhoras e meus senhores

Há precisamente 89 anos que a este lugar chegava um cortejo presidido pelo Presidente da Republica acompanhando dois soldados desconhecidos, um caído em Moçambique outro na Flandres durante a 1ª Guerra Mundial. Desde essa data a Liga dos Combatentes e desde alguns anos a esta parte outras Associações de Combatentes, aqui têm vindo todos os anos, em romagem e evocação.

Neste lugar sagrado, cruzam-se em permanência memórias históricas e uma tradição patriótica, humanista e cosmopolita, escritas por homens – soldados, com suor e sangue português, na lama europeia da Flandres, nas florestas e capins de Angola, Moçambique e Guiné ou nas montanhas da Bósnia e Afeganistão. No próximo ano perfazem-se 50 anos sobre o começo da Guerra do Ultramar; a 2.ª Guerra da República.

Os combatentes não o esquecerão e irão evocar esse acontecimento. Em nosso espírito estará na sala do capítulo deste Mosteiro, desde logo, mais um soldado desconhecido. O representante dos soldados desconhecidos dessa Guerra e foram muitos os que recentemente encontramos pelas terras de África. A pedra que os cobre hoje deixará de ser apenas de evocação aos Soldados Desconhecidos da 1.ª Grande Guerra, para se tornar num monumento de evocação dos Soldados Desconhecidos de Portugal.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Termino, evocando no quadro do Centenário da Republica Portuguesa todos os soldados de Portugal. Eles confundem-se conforme as circunstâncias, entre os da espada, do gládio e os do arado. Não encontro melhor síntese que ilumine as circunstâncias do cidadão-soldado e a cultura da cidadania, segurança e espírito de defesa, do que a poesia de António Gedeão, que o próprio intitulou de “Poema de Terra Adubada”

*“As árvores são belas com os troncos dourados
São boas e largas para esconder soldados*

*Não é o vento que rumoreja nas folhas
Não é o vento, não
São os corpos dos soldados rastejando no chão.*

*O brilho súbito não o é dos limbos das folhas reluzentes
É das lâminas das facas que os soldados apertam entre os dentes*

*As rubras flores vermelhas não são papoilas, não
É o sangue dos soldados que está vertido no chão*

*Não são vespas, nem besoiros, nem pássaros a assobiar
São os silvos das balas cortando a espessura do ar.*

*Depois os lavradores
Rasgarão a terra com a lâmina aguda dos arados
E a terra dará vinho e pão e flores
Adubada com os corpos dos soldados.”*

Neste Dia do Combatente, sairemos daqui serenamente convictos de termos mais uma vez reforçado a Memória Imaterial do Povo Português. De facto, a Identidade Nacional, consubstanciada numa Pátria e numa História seculares, tendo expressão no sentimento coletivo e materializada em símbolos, cuja existência e visibilidade, estão aqui bem presentes, reforçam a nossa identidade como povo e testemunham a grandeza da nossa Memória Imaterial. A nossa razão de ser. Por isso vale a pena continuarmos a honrar os combatentes mortos e a lutar pela garantia da dignidade dos combatentes vivos.

Contamos com o apoio de V.^{as} Ex.^{as}
Contamos com o apoio e compreensão dos portugueses.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ASSINATURA DOS PROTOCOLOS DOS PROGRAMAS ESTRUTURANTES COM A DEFESA NACIONAL

22 de abril de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Geral da LC
Exmo. Senhor Presidente do Conselho Supremo
Membros do Conselho Supremo da Direção Central e do Conselho Fiscal
Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

A cerimónia que decorre hoje na Liga dos Combatentes, sob a Presidência do Senhor Secretário de Estado, precedendo Assembleia Geral ordinária, à semelhança do que aconteceu faz amanhã precisamente um ano, com a mesma finalidade de hoje, não é para nós um ato apenas simbólico.

É a demonstração pública de uma vontade política que assim reconhece o valor e importância das ações levadas a efeito pela Liga dos Combatentes, no cumprimento das suas responsabilidades estatutárias.

E nunca é demais sublinhar que estas são explícitas:

- Na defesa intransigente dos valores morais e históricos de Portugal;
- Na promoção e proteção dos legítimos interesses dos seus Membros;
- Na promoção e prestígio de Portugal;
- No desenvolvimento do ensino, da cultura do trabalho e da solidariedade social em proveito geral do país e direto dos seus membros.

Os Programas Estruturantes que hoje aqui apresentamos, são sem qualquer dúvida as artérias que transportam em si toda a vitalidade da Liga dos Combatentes e que são, pois, Programas simultaneamente Estratégicos e Estruturantes com os quais se materializam os objetivos enunciados e sem os quais, face à sua abrangência, não há vida que valha a pena ser vivida na Liga dos Combatentes.

De facto:

O Programa Liga Solidária que materializa o apoio à idade de ouro que é a preocupação permanente dos que me ouvem e daqueles que eles representam, tem tido merecido da nossa parte um esforço hercúleo, permanente e lucidamente teimoso, mas quanto a nós não tem sido compreendido e não tem tido a atenção que merece por parte dos sucessivos Ministérios da Segurança Social.

Tivemos o apoio do MDN para a Casa do Combatente no Porto e do MSS para a creche. Esta está pronta e a primeira fase da primeira. Vamos entrar na 2.ª fase das obras. Houve apoio haverá obra. Estamos, porém, muito aquém da solução das condições que criámos para minimizar um grave problema, que gostaríamos não fosse o tempo a resolvê-lo.

De facto, os combatentes com menos posses necessitam de apoio na velhice. Andamos tentando por aí que nos sejam concedidas vagas para combatentes em lares existentes, Manteigas, Albufeira, Castelo Branco são tentativas. Já apresentámos ao senhor Secretário de Estado hipótese

de atribuição à Liga de instalações em Castelo Branco e em Elvas como alternativas viáveis àquilo que parece inviável, mas do qual não queremos desistir, sendo-nos fácil a cada momento estabelecer prioridades.

O Programa estratégico e Estruturante Conservação das Memórias segue o seu ritmo e após cinco intervenções na Guiné pudemos gritar missão cumprida e afirmar com satisfação que todos os combatentes falecidos localizáveis naquele país e saídos de Portugal se encontram hoje concentrados com dignidade no cemitério e ossário construído pela Liga para o efeito.

Manutenção da Guiné, beneficiação de Cabo Verde, beneficiação de talhões nacionais nomeadamente no Alto de S. João, manutenção de Richebourg e lançamento do planeamento e ações em Moçambique serão as nossas próximas preocupações. Não deixaremos de continuar a fazer esforços para que os nossos amigos angolanos nos compreendam. Não deixarei de assinalar que acabamos de localizar um militar que a família gostaria de trasladar de Angola e depois de termos recorrido a várias fontes foi um elemento de uma Associação de Combatentes Angolanos que após seis meses de diligências nos localizou o corpo e nos descreve de forma dramática o estado dos locais onde se encontram militares portugueses inumados.

O Programa Estratégico e Estruturante Cultura Cidadania e Defesa é responsável pela recuperação, manutenção e segurança quer do Forte do Bom Sucesso, quer do Monumento aos Combatentes e área envolvente, bem como o desenvolvimento do núcleo museológico Museu do Combatente.

Eu diria que este programa tem permitido e continuará a garantir que um monumento e um edifício em total decadência e não visitável se venha transformando num espaço que dignifica os combatentes e os seus mortos e dignifica quem garante os apoios para que isso seja possível. A passagem de zero para 50.000 visitantes no ano de 2009 são a garantia de que é possível colocar este espaço ao nível no espaço histórico envolvente. Diversas exposições, conferências, convívios e diversos eventos ali têm decorrido. Este programa permite o apoio ao Prémio Liga dos Combatentes/Defesa Nacional a atribuir aos melhores alunos dos estabelecimentos militares de ensino, a publicação de livros no âmbito da guerra do ultramar como o que vai decorrer no próximo dia 4, Revisitar Goa Damão e Diu, O livro *Coping* uma tese sobre o stress pós-traumático ou a série “ Fim do Império” em colaboração com a Comissão de História Militar e a Câmara Municipal de Oeiras e ainda apoiar a recuperação da Torre da Vigia da Marinha Grande.

O Programa Estratégico Inovação e Modernização permitirá continuar a informatizar os núcleos da Liga dos Combatentes. A desenvolver um sistema de comunicações inexistente, a melhorar a informação e imagem da Liga através do seu site, a desenvolver programas de recuperação e adequação dos arquivos históricos da Liga que após auscultação da Direção Nacional de Arquivos foram reconhecidos com de interesse nacional.

O Programa Estratégico e Estruturante Cuidados de Saúde é a materialização prática do cumprimento da missão insubstituível no que toca à solidariedade e apoio mútuo. Não só montámos uma estrutura e um dispositivo como angariámos vontades dos mais variados níveis de especialistas e pusemos a funcionar cinco centros com apoio aos combatentes ao nível da saúde física e mental, assim como nos debruçámos sobre a materialização do apoio no terreno, indo ao encontro dos problemas e procurando conhecê-los e resolvê-los.

O Estado recorreu às ONG para complementar uma missão que reconheceu não estar em condições de resolver. A Liga respondeu presente. Hoje podemos afirmar que, com enorme esforço e dedicação dos seus quadros, respondendo ao desafio que lhe foi feito, em pouco tempo, criou condições inexistentes noutras organizações a nível nacional. Estamos a formar técnica e cientificamente o nosso pessoal com base nos protocolos estabelecidos com faculdades especializadas.

Senhor Secretário de Estado peço a sua atenção para o que fazemos nesta matéria e certamente não terá problemas de consciência quando for necessário melhorar as verbas atribuídas a este Programa.

Finalmente assinalo que definimos recentemente um sexto Programa Estratégico Estruturante. Que denominámos de Passagem do Testemunho e que estamos a estruturar para que as ações a desenvolver sejam a garantia do conceito por mais que uma vez já expresso por nós de que a perenidade da Liga dos Combatentes é um facto histórico e tem que ser continuado. Temos que continuar a passar o testemunho aos combatentes das Operações de Paz e Humanitárias, mas de uma forma estruturada e sistemática aprofundando os resultados que já obtivemos até aqui. Assim como recebemos dos nossos antepassados da I GG um legado de valores e de solidariedade é fundamental que nos organizemos estruturalmente para em conjunto com a sociedade civil e militar, transmitamos este legado aos combatentes do futuro.

Termino agradecendo mais uma vez a V.^a Ex.^a o ter se dignado estar hoje connosco para dar vida à finalidade superior expressa no art. 23.º do nosso Estatuto:” O apoio do Estado à Liga dos Combatentes é assegurado pelo Ministério da Defesa Nacional”.

Não é por vezes suficiente a Letra da Lei.

Mas quero testemunhar em nome dos Combatentes Membros da Liga dos Combatentes que só é possível desenvolver o trabalho que a Liga tem desenvolvido dado o apoio que nos tem sido garantido pelo MDN.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

LANÇAMENTO DO LIVRO REVISITAR GOA DAMÃO E DIU

4 de maio de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Neste fim de tarde de 4 de maio de 2010 encerra-se, na prática, o 1.º Ciclo das Conferências da Cooperativa Militar iniciado Há cerca de três anos. Então o Coronel Taborda e Silva, fundador daquilo a que chamou Núcleo Impulsionador das Conferências da Cooperativa Militar, contactou o Presidente da Liga dos Combatentes com uma ideia, um conceito e uma proposta.

Lançarmo-nos no aprofundamento da nossa História recente, com um fim inovador e catalisador da investigação e desenvolvimento relativo ao 3.º Quartel do século XX português e garantir a ligação das conferências a realizar ao apoio à investigação científica inerente ao projeto que era importante prosseguir.

Ficámos com a sensação de que mais do que uma ideia ou um conceito, era ainda um sonho, mas que era importante e possível com os meios disponíveis da Liga dos Combatentes, passar do sonho à obra.

A Liga dos Combatentes com sentido da importância da promoção do estudo da história recente portuguesa, entendeu que esta ação se integrava totalmente nos objetivos dos seus estatutos e aceitou transformar o sonho em realidade organizando e desenvolvendo todo o conjunto de importantes e significativas intervenções durante três dias no Forte do Bom Sucesso e um dia no Instituto de Estudos Superiores Militares, garantindo desde logo a responsabilidade da sua publicação.

Para este 1º ciclo, com o seu sonho o Coronel Taborda e Silva trouxe o título: Revisitar Goa, Damão e Diu. É importante sublinhar que o êxito então obtido terá contribuído para a confiança no futuro das conferências e que nos trouxe até ao 5º Ciclo de Conferências que ontem e hoje decorreram neste importante e digno espaço.

Organizámos então um ciclo de conferências onde se enfatizou a otimização do estudo da história através do recurso a fontes especiais constituídas pelos atores testemunhas e pela documentação que fosse possível disponibilizar acerca da Índia.

Reunimos meia centena de participantes e intervenientes ativos e com a sua colaboração e contribuição e a presença entusiástica de centenas de auditores, concluímos que as conferências foram um êxito.

Hoje ao ler tranquilamente a obra que delas resultou, permitam-me que faça justiça ao seu conteúdo, e afirme que este livro só pode ter um fim: - O sucesso. O realismo, a controvérsia, o testemunho. o relato na primeira pessoa, o comentário contraditório, a procura da verdade histórica, o contributo para essa verdade, a análise militar a vários níveis, o testemunho político-militar, os episódios táticos militares e de segurança, a análise política e estratégica, a vida em sociedade, o sentimento religioso, a interrogação, a condenação de decisões e indecisões políticas e militares da queda da Índia Portuguesa são óticas abordadas nesta obra Revisitar Goa Damão e Diu. Só pelo facto de ter existido já encorajou e inspirou novos e importantes testemunhos já publicados como é o caso de “Enquanto se esperam das naus do reino”

No final da minha intervenção na abertura das conferências citei Ghandi quando na sua *Authobiografy* afirmava: *I have nothing to teach the world, truth and non violence are as old as hills.*

Nós também não temos nada a ensinar ao mundo, mas estamos aquém de Ghandi pois ainda procuramos a verdade por essas montanhas e apelamos em permanência à não-violência. Gostaríamos dizia eu, de “obtermos com estas conferências um conjunto de dados inéditos que uma vez trabalhados cientificamente com outros contribuam para a verdade histórica sobre Goa, Damão e Diu no segundo quartel do século XX.”

Hoje após ter sido possível eternizar os valiosos testemunhos e pensamentos, com a publicação desta obra, posso garantir que os seus promotores, a Liga dos Combatentes, O Núcleo Impulsionador das Conferências da Cooperativa Militar e a Comissão de História Militar se podem sentir recompensados pela contribuição que deram para a construção do entendimento desta página da História de Portugal, que muitos consideram como o Início do Fim do Império.

A obra Revisitar Goa Damão e Diu não será apenas um livro ou um conjunto de vivências e testemunhos de circunstâncias e momentos históricos, ela será o suporte que levará os seus autores, dada a importância dos seus testemunhos, a entrarem como figurantes e contribuintes do espaço e do tempo histórico do seu país.

Meus Senhores e minhas senhoras

O objetivo fundamental das minhas palavras é o agradecimento. Agradecer a todos e a vários níveis. Antes, porém, de o fazer permita-me ainda mais dois apontamentos. O primeiro para dar testemunho de uma vivência enquanto jovem tenente, então instrutor da AM. Decorria o ano de 1961. Vários camaradas do meu curso haviam seguido para a Índia então Portuguesa. Certo dia, após ter dado as minhas aulas, vi e ouvi na TV o Presidente do Conselho anunciar a Invasão do território, transmitindo ao mundo um Quadro da situação que me levou a admitir de imediato a morte de todos os meus camaradas. O choque foi grande o que me leva ainda hoje a recordar a triste sensação que tive.

Sensação sublimada e fortemente sublinhada dado que alguns dias passados, fui confrontado com o contraste da situação real que veio a ser reconhecida. A situação não correspondera felizmente ao quadro politicamente desejado e antecipadamente descrito que havíamos ouvido na TV, transmitido pelo mais alto responsável do Governo.

Jovem tenente pela primeira vez tive a sensação de revolta íntima provocada pelo desengano e desconforto que em mim provocara o desalinhamento entre as palavras, as ações e os desejos políticos. Infelizmente pudemos ser testemunhas do aprofundar desse desalinhamento ao longo dos anos, do qual normalmente resultou um mau tratamento da coisa militar.

O segundo apontamento é para assinalar que quis o destino que embora tivesse feito uma Comissão no Oriente, Macau, não fiz nenhuma Comissão na Índia, mas há sete anos a esta parte, como Presidente da Liga dos Combatentes, tenho convivido diariamente com aqueles que sofreram aquele Dia na Índia e conseqüentemente a ANPG, cuja Sede é com muito gosto um espaço na Sede da LC, com eles evocando sempre as suas datas mais significativas.

Não seria de estranhar pois que a Liga dos Combatentes apoiasse este projeto desde o seu início. E começo aqui os meus agradecimentos. Ao Coronel Taborda e Silva por ter percebido e considerado que a sua ideia poderia concretizar-se na Liga dos Combatentes.

Ao General Eanes o ter-se dignado fazer a abertura daquele Seminário depois o Prefácio do Livro a que o mesmo deu origem e hoje dar-nos a honra de ter acedido ao nosso convite para fazer a sua apresentação. Apresentação que me leva ao segundo agradecimento que faço à Fundação Gulbenkian na pessoa do seu Presidente, por nos ter recebido para o lançamento desta obra.

Ao general Sousa Pinto pelo apoio dado e compromisso assumido na tomada de parte da edição. Agradeço igualmente a todos os coautores da obra que apresentando excelentes intervenções e várias óticas de tal momento histórico, constitui um documento referência da Queda da Índia Portuguesa.

Um agradecimento muito especial aos Cor. Barão da Cunha, Cor. Lucas Hilário cujo trabalho de coordenação e revisão da obra, que pessoalmente testemunhei e acompanhei, foi imprescindível para que estivéssemos hoje aqui.

Ao Coronel Bernardo pelo apoio em documentos que permitiram enriquecer a obra. À Mestre Sara Roque pelos apoios complementares que prestou.

Ao Coronel Conde Falcão o nosso obrigado pela concordância de utilização de uma excelente foto de sua autoria que constitui a capa do livro.

Uma palavra muito especial pela presença entre nós da D. Maria do Carmo Oliveira e Carmo e da D. Maria João Dias Antunes viúvas dos dois combatentes na invasão Índia portuguesa cuja dramática vivência constitui um dos pontos marcantes do nosso livro.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Na prossecução do cumprimento dos seus objetivos estatutários, nomeadamente:

- A promoção da História de Portugal;
- E o desenvolvimento do ensino e da cultura em proveito geral do País e particular dos seus Membros.

A Liga dos Combatentes é a Editora do livro Revisitar Goa Damão e Diu. A nossa missão e o nosso compromisso foram cumpridos.

Temos a certeza que esta obra é um valor acrescentado ao conhecimento existente e escrito por quem viveu os problemas, hoje com a liberdade e distanciação fria e consciente que os fatores tempo e democracia permitem. Muito obrigado por terem vindo.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO NÚCLEO DA LIGA DOS COMBATENTES, EM CAMPO MAIOR

15 de maio de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores
Presidente da Câmara de Campo Maior
Comendador Manuel Nabeiro

Autoridades Militares e Cíveis
Ilustres Convidados

Caros Combatentes
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Campo Maior é berço de Combatentes
Povoado de Santa Vitória,
Barragem do Muro
Ponte de Nossa Senhora da Enxara
Padrões vivos que nos transportam à época do Combatentes pré-romano e romano.
Castelo de Ouguela
Castelo de Campo Maior

Marcos e muralhas que marcando aquelas épocas conheceram visigodos, muçulmanos, castelhanos e leoneses para a partir do séc. XIII serem os portugueses a garantirem a sua perenidade face a castelhanos e franceses. Hoje, neste fortificado e fértil saliente de Campo Maior que apontado a terras vizinhas é testemunho da História que nos recorda e revela que sempre lutou e resistiu, para se manter terra portuguesa, surge hoje mais um afloramento revelador, defensor e fortificante dessa vontade patriótica e humanitária das gentes de Campo Maior.

Ao reassumir a memória e o compromisso de solidariedade para com os combatentes mortos e vivos, seja qual tenha sido o seu tempo histórico, passado ou atual, o Núcleo de Campo Maior que hoje relançamos, junta-se ao 85 Núcleos da Liga dos Combatentes com igual finalidade, espalhados pelo país e pelo estrangeiro e constitutivos de uma rede de sentimentos patrióticos e humanitários sem paralelo.

Voluntários na promoção da história e dos símbolos nacionais, assumindo sem reservas a história que cada um ajudou a escrever, as suas vitórias e derrotas e buscando nelas as forças e os princípios que complementam e orientam as atitudes e comportamentos do presente, quantas vezes não suficientemente compreendidos, mas mesmo assim suficientemente fortes para constituírem exemplo.

Voluntários na promoção da solidariedade e do apoio mútuo para com os que um dia de armas na mão juraram dar a vida e hoje se veem perante uma vida madrasta, sem que o estado que os utilizou, tenha para com eles e suas famílias a atenção devida.

Voluntários na dádiva de trabalho e saber para socializar cidadãos nessa cultura de apoio à segurança individual e coletiva.

Com esse posicionamento de voluntária misericórdia desde a nossa fundação, há 86 anos, que travamos duas grandes batalhas: a Batalha dos Valores e a Batalha da Solidariedade.

Somos de facto uma Instituição Particular de Solidariedade Social há quase um século. É momento para continuarmos a gritar bem alto que nos devem considerar como tal e ao nível de quaisquer outras. Mais modernas e menos abrangentes têm atenções desproporcionadas relativamente à sua dimensão e importância e sempre que se trata de combatentes, estas parecem esquecidas. Querem um exemplo muito recente? Ontem estiveram em Fátima junto do Papa, as IPSS. Porque não convidam as que apoiam os combatentes?

É com esse trabalho de apoio e simultaneamente de luta pelos nossos direitos, perante o estado e a sociedade civil que vivemos diariamente e é com esse espírito que aqui estamos hoje.

As autoridades locais através do nosso Núcleo devem sentir face às atividades que desenvolvemos, que somos uma Instituição útil, que ajuda a resolver problemas do passado e do presente nos mais variados sectores de interesse da sociedade e que rejuvenesce cada dia que passa, com novos membros de cidadãos e de militares que se reveem no nossos objetivos e com novos combatentes dos conflitos em que Portugal na defesa dos seus interesses vitais, se vê envolvido.

Mas assim como nós praticamos e desenvolvemos Programas Estruturantes nos mais variados sectores nomeadamente no âmbito de Apoio a Saúde (saúde física, mental) e à Inclusão Social (até aos sem-abrigo). Criámos uma estrutura com Centros de Apoio Médico Psicológico e Social em Loulé, Lisboa, Coimbra, Porto e Chaves como pontos de convergência das necessidades dos outros Núcleos, com o apoio a milhares de combatentes e famílias.

Com Inovação e Modernização, noutra Programa que nos tem levado a dotar a nossa instituição de instalações, meios de comunicação e de informática modernos.

Com o Programa de Cultura Cidadania e Defesa, de que se destaca a recuperação do Forte do Bom Sucesso, do Forte de Praia da Vitória, do Paiol do Funchal, um conjunto editorial e de notáveis exposições, já significativo.

O Programa Conservação das Memórias através do qual pretendemos dignificar os lugares onde se encontram inumados militares portugueses mortos em todo o mundo ao serviço de Portugal.

Terminamos já esse trabalho na Guiné e hoje podemos afirmar que dos militares saídos de Portugal para a Guiné e caídos na guerra, todos se encontram já concentrados em cemitério digno em Bissau tendo regressado a Portugal os que as famílias solicitaram.

Finalmente o Programa Liga Solidária para apoio à terceira idade. Há anos que vimos fazendo um esforço terrível para garantirmos algum apoio neste âmbito. Está adiantado a Casa do Combatente do Porto por adaptação do Lar dos Filhos dos Soldados.

Temos aberta uma conta na CGD para conseguirmos meios para as casas de combatentes, nomeadamente a de Estremoz, para as quais temos terrenos e projetos, mas não conseguimos apoios embora tenhamos concorrido aos programas do governo.

Mas assim como nós praticamos a solidariedade, conservamos as memórias, cultivamos a cultura cidadania e defesa, nos preocupamos com cuidados de saúde, física e mental inovamos e modernizamos, nos preocupamos com a passagem de testemunho aos novos cidadãos e combatentes, constituindo-nos numa Instituição Perene, abrangente da sociedade portuguesa, de utilidade pública e sem fins lucrativos também esperamos e ambicionamos que para além de algum apoio do estado que recebemos e dos meios próprios que conseguimos desenvolver, a sociedade civil e empresarial nos descubra como ponto de aplicação válido para as suas ações de apoio e de solidariedade. E este conceito é tão válido a nível nacional como local.

Talvez hoje para além dos apoios que solicitamos ao senhor Presidente da Câmara, para este jovem Núcleo, solicitando que este atue de forma ativa na vida da comunidade de Campo Maior.

Aos comandantes militares e das forças de segurança presentes, no mínimo para que incentivem os cidadãos e militares para que se tornem membros desta instituição.

Sentimos que a palavra solidariedade e apoio mútuo sejam conceitos especialmente sentidos pela população de Campo Maior pois aqui se situa o Coração e alma de uma grande empresa cuja política e forma de estar e atuar se situa para além das meras relações comerciais aprofundando relações humanas e solidárias reconhecidas a nível nacional. Os verdadeiros responsáveis mesmo, por em Portugal e logo também na Liga dos Combatentes espalhada por todo o país, tomar café, não seja apenas um momento agradável, mas um estilo de vida encontra-se em Campo Maior.

É, pois, com muita honra que hoje temos entre nós o seu mais alto responsável, o senhor Comendador Manuel Nabeiro de quem como é natural esperamos o apoio à Liga dos Combatentes como um todo e ao Núcleo de Campo Maior em particular.

Meus senhores e minhas senhoras

A Liga dos Combatentes está num crescendo de sócios de novos núcleos, juntam-se a Campo Maior que hoje ativamos, Vila Real de Santo António, Loulé, Odemira, Santo André, Reguengos de Monsaraz, Torres Vedras, Foz Côa, Belmonte, Meda, Peniche, Pinhel, Lixa, Vinhais, Mirandela, Oliveira do Bairro, para além de Winnipeg, Toronto, Quebeque no Canadá e Mindelo em Cabo Verde todos recentemente inaugurados.

Símbolos de vitalidade dinamismo e patriotismo do Portugal profundo e do assumir da história.

Espero ter-vos transmitido o nosso sentimento profundo de que ser membro desta instituição, onde cidadãos normais convivem com naturalidade com a torre espada, a cruz de guerra, os serviços distintos em campanha dos melhores portugueses e estes se confundem com a deficiência e a carência ou o sem abrigo pelos quais todos lutam, vale a pena e para além de ser reconfortante é um dever moral de qualquer cidadão, apoiar os que um dia por eles se bateram.

Termino dando os meus parabéns a Campo Maior, na pessoa do Senhor Presidente da Câmara. Dando os meus parabéns à Direção do Núcleo desejando-lhe as maiores felicidades para que construam o presente e garantam o futuro.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – VÍTIMAS DE GUERRA, RECONHECIMENTO, TRATAMENTO E ACOMPANHAMENTO DAS VÍTIMAS, NÃO À SUA VITIMIZAÇÃO

18 de junho de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

O Estado e a cidadania atingem o seu ponto mais alto e delicado, como agentes produtores de vítimas, ao terem participação direta no desencadear das guerras. O Estado e os seus agentes responsáveis por governar e administrar e, por isso, com responsabilidades perante os seus cidadãos, ao declararem a guerra para defesa dos seus superiores e legítimos interesses, estão a criar condições para o aparecimento de vítimas, quer civis quer militares.

A cidadania, por seu lado, exige aos cidadãos a compreensão e o sacrifício em proveito do próximo e do próprio Estado, bem como o cumprimento dos seus deveres o que conduz, igualmente, ao aparecimento futuro de vítimas resultantes, normalmente, do cumprimento desses deveres. Do cruzamento dos deveres do Estado com os deveres de Cidadania, se resulta normalmente progresso numa sociedade, conduz em situações graves de conflito, muitas vezes, a um conjunto alargado de vítimas.

É um facto que a agressão pode ser considerada como um elemento estruturante da matéria orgânica e da vida. Mas a agressão, como mecanismo de defesa e de destruição, tem a sua expressão máxima na guerra, provocando o expoente máximo das vítimas: as vítimas de guerra. Daí que deveria competir ao Estado e à cidadania a resolução dos problemas nascidos do desencadeamento das guerras e não o abandono dos que utilizou na sua defesa, já que, regra geral, se preocupa com a reconstrução e o apoio das populações, homens, mulheres e crianças que as sofreram.

Embora, nos conflitos modernos surjam, com evidência, as mulheres e as crianças como as vítimas que aquela reconstrução física e social vem esquecendo. As responsabilidades cruzadas deste triângulo mágico do Estado, Cidadania, Vítimas, têm quanto a nós, identificação. E passo a citar: Reconhecimento, Tratamento, Acompanhamento e Não Vitimização das Vítimas. Já tenho sublinhado que o nosso combatente tem sido normalmente aplaudido à partida e esquecido depois da chegada.

E o esquecimento ou incapacidade para o apoio necessário, é elemento que tem caracterizado o Estado, qualquer que tenha sido a configuração dos seus agentes políticos.

No país e no estrangeiro são inúmeros os meios particulares complementares de apoio aos combatentes, para salvaguardar as falhas do Estado no apoio àqueles que material, física ou mentalmente, mais precisam como vítimas de guerra. Entendemos, como o senso comum, que para ser vítima de guerra basta tê-la sofrido ou nela ter participado.

Este conceito abrangente permite uma análise mais profunda de um complexo problema. É importante que se não tratem como coitadinhos, ou ignorantes, os que tiveram que fazer a guerra e, dentro destes, os que se apresentam à sociedade, com problemas mais visíveis.

Ao contrário das vítimas de stress pós-traumático, em que há necessidade de determinar o nexo de causalidade, ou seja, que o trauma existe e está relacionado com a guerra, os participantes numa guerra são de facto vítimas com ou sem trauma visível.

Por isso o combatente, ao contrário de qualquer cidadão normal, que não viveu a guerra e que tranquilamente vive o seu presente, pensando no futuro, o combatente dizia, carrega consigo um passado de que não consegue libertar-se o qual, embora à maioria desses combatentes dê força, orgulho e honra, a outros, esses sentimentos são acompanhados de dor, sofrimento permanente e revolta.

Importa, pois, encontrar para cada um desses seres humanos a terapia adequada. É geralmente aceite que a terapia que constitui um complemento geralmente enriquecedor da vida desses combatentes é sem dúvida o Reconhecimento. O Reconhecimento, por parte dos políticos e da sociedade em geral, do seu sacrifício e esforço realizado, ao serviço do país. Reconhecimento que pode ter expressões materiais e morais. O primeiro tipo de reconhecimento, o material, consome recursos, o segundo requer atitudes e alguma grandeza e coragem política.

No reconhecimento material não se deve cair em soluções do tipo de complemento de pensão generalizada que se situa entre 20 e 40 cêntimos dia e que os combatentes consideram como uma esmola e não como qualquer reconhecimento ou solução para qualquer dos seus eventuais problemas. O reconhecimento moral passa por acções públicas como a que foi facultada aos prisioneiros de guerra da Índia há relativamente pouco tempo, resgatando-os dos maus tratos recebidos à sua chegada, tendo-lhes sido atribuída uma medalha e um complemento de pensão mensal.

Daí também o regozijo recente dos combatentes da guerra do ultramar, ao sentirem-se todos representados na centena de combatentes que, pela primeira vez, trinta e cinco anos depois de ter terminado a guerra, no Dia 10 de Junho, em Faro, Dia de Portugal, desfilaram integrados na Cerimónia Militar e imediatamente atrás da Bandeira que tendo jurado defender, defenderam. Factos simbólicos que são verdadeira terapia.

Outro factor que fortalece as hipóteses de sucesso das terapias aplicáveis é o relacionamento e convívio com os camaradas que tendo passado por condições semelhantes, os compreendem e apoiam. Daí o nascimento de Associações que procuram colmatar as falhas do Estado, tentam garantir esse convívio, o tratamento e se necessário o acompanhamento. Daí também os inúmeros convívios de combatentes e famílias que se realizam todos os anos por sua própria iniciativa e se multiplicam com a passagem dos anos, até um dia.

Daí os monumentos que esse Portugal profundo coloca como marcos de partilha de memória e de reconhecimento, por iniciativa das populações e combatentes, normalmente com o apoio das autarquias. Nos últimos cinco anos quase triplicou o número de monumentos relativos à guerra colonial, aproximando-se hoje dos 150.

Todos eles monumentos às vítimas da guerra, todos eles Monumentos aos soldados de Portugal vivos ou mortos. Na generalidade nascidos das bases e apoiados pelas autoridades locais. Raros os que nascem vindo do topo. E quando surgem, surpreendem pela negativa, têm um cariz político e dificilmente as vítimas, as populações, ou os combatentes neles se reveem. Haverá maiores vítimas da guerra que os próprios mortos? Que os mutilados, cegos ou stressados? Que as viúvas, presos ou espoliados? Que a própria sociedade que deu seus filhos?

Daí a criação e a existência perene da Liga dos Combatentes que desde 1923 se constitui como instituição patriótica e humanitária, num apoio mútuo permanente e solidário aos combatentes

portugueses na Europa e em África, desde os gaseados, mutilados cegos e carenciados de ontem, aos doentes, stressados e sem-abrigo de hoje.

Lutamos quase há cem anos pelo apoio aos combatentes e pela não vitimização das vítimas. Lutamos pela garantia da sua dignidade.

Essas vítimas, que são soldados de Portugal, são muitas vezes, por conveniência de algumas políticas, apelidados de soldados ignorantes e enganados, o que lhes aprofunda o incómodo e a dúvida interior e o sofrimento dos mais fracos, por afinal se lhe criar a dúvida de terem, ou não, servido bem o seu país.

Esta posição que tem sido veiculada mais do que seria normal tem dificultado o reconhecimento e a autoestima de muitos portugueses que estiveram na guerra do Ultramar.

É notório o incómodo que neles provoca a acusação de que os militares, leia-se cidadãos combatentes fizeram uma guerra injusta, atirando para cima deles, que apenas sofreram fazendo a guerra, a responsabilidade política da mesma. Este posicionamento não é de agora. Depois de serem grandes ao partirem para a IGG, foram abandonados após a guerra e muitos dos combatentes ao regressarem deficientes e gaseados, foram apresentados à população como cidadãos perigosos.

É conhecida a frase que percorreu a maior parte do século XX: “É gaseado”, significando que não tem todo o juízo e é perigoso. Hoje, após a guerra do Ultramar, a situação é idêntica, quando se afirma que um determinado cidadão “é stressado”. Para além de perigoso “é fraco, não aguentou”.

O universo dos cidadãos que servindo as suas Forças Armadas se viram envolvidos numa guerra e conseqüentemente foram dela vítimas, ou seja, sofreram dano ou prejuízo, sacrificando-se aos interesses de outrem, apresenta para nós três conjuntos com características diferenciadas:

- Um conjunto de cidadãos que pelas mais diversas circunstâncias ultrapassou a guerra sem marcas aparentes regressou mais resistente e mais consciente das contingências da vida real e desenvolveu, a partir daí, a sua vida normal. Constitui, no nosso caso, o grande conjunto das vítimas válidas e capazes de poderem apoiar os seus antigos camaradas.

É o conjunto das vítimas de maior dimensão, que regressaram, face às terríveis situações vividas, mais homens e com o sentimento de ter ultrapassado dificuldades que os ajudaram a enfrentar o futuro com sucesso.

Um segundo conjunto, felizmente mais pequeno, que as circunstâncias conduziram à necessidade de apoio e acompanhamento, alguns permanentes, quer resultando de problemas de saúde física, quer de saúde mental, de cuja invalidez a causa efeito foi inequivocamente a guerra.

Um terceiro conjunto de cidadãos que tendo sido combatentes viu a sua vida degradada pelas mais diversas circunstâncias de saúde ou sociais, em cujo extremo se situa a exclusão social.

Estes e suas famílias necessitam por isso de apoio, quer do Estado, quer do primeiro conjunto de combatentes referidos. Temos, pois, combatentes – vítimas de guerra que regressaram válidos, vítimas que regressaram inválidos e vítimas que o tempo tornou carenciados ou excluídos socialmente.

A Liga dos Combatentes sendo uma Instituição abrangente da sociedade portuguesa, uma IPSS, que admite como membros qualquer cidadão desde que se reveja nos seus objetivos patrióticos e humanitários, tem no seu seio estes três tipos de cidadãos e com eles desenvolve a sua ação. Ação posta em prática através duma Doutrina, de um Conceito e de Programas Estruturantes próprios no respeito pelas Estratégias Nacionais desde que existam.

Quer no campo do apoio às vítimas combatentes e famílias, quer no campo da promoção da história, da cidadania, do ensino, do trabalho e da cultura em proveito do país e dos seus membros em particular. Neste campo da Cultura cito Freud que afirmava que “tudo o que fortalece a cultura diminui o modelo de reação agressiva e também cria barreiras para a guerra. Ou seja, a Cultura é um fator na redução de vítimas.

Quanto a nós, para além de aplicarmos a doutrina que vimos definindo, procuramos atuar e lutar, de uma forma pró-ativa pelo reconhecimento, apoio material e não material às vítimas da guerra e estamos prontos a garantir os fatores de proteção que resultam do apoio dos amigos e camaradas, do apoio de grupo nomeadamente, da família e dos serviços da Liga dos Combatentes e do apoio do Estado.

E para isso definimos programas estruturantes a cumprir: Liga Solidária, Conservação das Memórias, Cultura Cidadania e Defesa, Inovação e Modernização, Cuidados de Saúde e Passagem de Testemunho. São hoje as artérias de um Plano Estratégico, de Atividades a longo prazo, cujos resultados orgulham já hoje quem os vem implementando.

Não queria deixar de fazer uma referência a situações que se vivem no dia-a-dia e aprofundam o sofrimento das vítimas. O valor da não vitimização das vítimas. Se como afirmámos é reconhecida como uma das melhores terapias, a resultante do convívio e contacto com camaradas, interrogo-me por que razão os peritos e a sociedade em geral optaram por isolar, em grupos específicos, os mais necessitados de apoio quer físico, quer mental e não optaram, uma vez identificados, como grupo, por mantê-los associados em conjunto com aqueles grupos de camaradas que melhor e mais facilmente os poderiam ajudar. Esse facto tem conduzido à tendência de o Estado considerar resolvido o problema dos combatentes, ao resolver problemas do segundo conjunto que enunciei e que é felizmente uma minoria. Mas os problemas dos combatentes estendem-se, afinal, pelos três conjuntos de combatentes e suas famílias que anteriormente foram referidos.

E é de facto muito complexo e muito amplo no caso português. Deixamos para trás, hoje nos países amigos de expressão portuguesa, muitas vítimas de guerra de que somos moralmente responsáveis. A eles para além do apoio moral que lhes tem sido dado pela Liga dos Combatentes e uma ou outra Associação de Combatentes, nada mais tem sido feito pelo Estado português e há países onde é ainda hoje notória a sua discriminação social relativamente à população em geral.

Ao falar em minorias, permitam-me que aborde dois ou três aspetos que se constituem em icebergs das vítimas de guerra e têm motivos de apetência e atenção da comunicação social. Um o stress pós-traumático de guerra, o outro a exclusão social de antigos combatentes, motivada por diversos fatores nomeadamente a pobreza extrema e o alcoolismo, cujo extremo se situa nos sem-abrigo. Estamos apoiando, no terreno, e tratando cientificamente estes problemas, com o apoio das Universidades, nomeadamente em Coimbra, com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e em Lisboa com a Universidade Nova de Lisboa.

No âmbito do stress pós-traumático, ou seja, no mundo dos sintomas do reviver, evitar reviver ou estar alerta, onde os aspetos psicológicos, os problemas físicos medicamente inexplicáveis, o envelhecimento precoce, recomendam o apoio médico, psiquiátrico e psicológico, mas levantam a importância do chamado apoio dos Antigos Combatentes a Antigos Combatentes, temos para além dos problemas do passado recente, os problemas que irão resultar dos novos conflitos.

Aí, são já referenciados novos traumas causados por exposição permanente a grandes bombardeamentos e explosões ou resultantes de ferimentos profundos que antes se resolviam com cuidados médicos e hoje são de muito difícil reabilitação, com os consequentes problemas psicológicos, como acontece no Afeganistão. São situações que requerem atenção permanente.

Em Portugal só 25 anos após a guerra do Ultramar se legislou (Lei 46/99) instituindo o regime de apoio às vítimas de stress pós-traumático de guerra. Foi assim reconhecido que a guerra é suscetível de causar situações de trauma psicológico que se traduz em sofrimento generalizado, capaz de evoluir para a cronicidade. E vai mais longe, o Estado conferiu uma proteção criando uma Rede Nacional de Apoio a militares e ex-militares que padeçam dessa perturbação crónica em consequência de exposição a fatores traumáticos de stress durante a vida militar. Eu disse bem. Não é durante a guerra. É durante a vida militar.

Compõem a RNA as instituições e os serviços integrados no Serviço Nacional de Saúde e no Sistema de Saúde Militar e em articulação com os serviços públicos, as Organizações Não Governamentais. O Estado reconhece, entretanto, a sua incapacidade para por a funcionar a RNA e recorre às Associações de Combatentes mais responsáveis assinando protocolos, partilhando assim responsabilidades com a cidadania. Surgem depois despachos ao nível do Ministério da Defesa Nacional tentando colmatar falhas ao nível do Ministério da Saúde, quer no Serviço Nacional de Saúde, quer na RNA, que se veem assim reforçadas com os meios exigidos às ONG para que tais protocolos sejam assinados.

A Liga dos Combatentes está também nesse processo e tem hoje infraestruturas físicas e humanas que permitem para além da sinalização permanente, o tratamento, acompanhamento e encaminhamento de pacientes de stress. É conhecido que, em termos gerais, o esforço para proteger as vítimas de guerra é tão antigo como os próprios conflitos. O mesmo Estado que obriga os cidadãos, mesmo quando voluntários a prestar o serviço militar, a cumprirem os seus deveres em defesa do País, deverá ser o mesmo Estado a assegurar os direitos inerentes a esses cidadãos.

Nem sempre assim acontece, pelo que os cidadãos sentem a necessidade, como já disse, de se organizarem em Instituições para defenderem os seus direitos de cidadania, muitas vezes com carácter humanitário e social. Não para substituir o papel do Estado que entendemos como primeiro responsável, mas sobretudo porque o Estado tem dificuldade em cumprir as suas obrigações e atribuir prioridades que em nosso entender, deveriam neste caso ser atribuídas.

É histórico e conhecido que a Liga dos Combatentes assumiu desde sempre esse compromisso, e transformou-se em verdadeira Misericórdia dos Combatentes apoiando os cidadãos vítimas de traumas causados pela guerra e suas famílias, no reconhecimento dos seus direitos e respeito da sua dignidade como pessoas. Uma pergunta pode ser colocada. Tem o Estado e a Cidadania apoiado a Liga dos Combatentes? A resposta é: sim têm, mas de forma insuficiente.

Os governos ao longo da sua história têm apoiado a Liga. Diria mesmo que era insustentável conceber o apoio concedido pela Liga sem apoio do Estado. Os seus Estatutos têm expresso esse

compromisso do Estado Tão pouco poderia cumprir os Programas Estruturantes que tem em curso. Mas se é estatutário a obrigação desse apoio, digo que ele tem surgido apenas através do Ministério da Defesa Nacional e nenhum do Ministério da Saúde ou do Ministério da Segurança Social, ou outros.

As Autarquias apoiam localmente a generalidade dos Núcleos da Liga e temos mesmo terrenos concedidos por Câmaras para construir Lares para apoio de combatentes idosos que há cinco anos aguardam apoio dos vários programas do Ministério da Segurança Social, sem sucesso. Em termos de Cidadania direi que o cidadão é mais tocado por campanhas de televisão, ainda que para apoio de gentes longínquas, do que para o apoio direto das instituições de combatentes.

Temos feito tentativas diretas junto de milhares de empresas e de todas as autarquias do país solicitando apoio para os nossos programas estruturantes de apoio à terceira idade e de saúde sem o sucesso que a causa, quanto a nós, merece. Longe vão os tempos de doações significativas de cidadãos, como é o caso da nossa própria sede em Lisboa, doada por Ana de Castro Osório. Enfim, quem nos conhece, e sabe que somos uma Instituição perene, de voluntários, sem vencimentos ou senhas de presença, recetora dos combatentes de todos os conflitos, incluindo os dos que já hoje decorrem; Instituição abrangente da sociedade portuguesa da qual qualquer cidadão pode ser membro reconhecerá que merecemos ser apoiados com alguma prioridade.

Espero ter sido suficientemente claro ao ter tentado justificar e ilustrar as grandes responsabilidades cruzadas, resultantes deste triângulo mágico Estado, Cidadão, Vítimas militares da guerra. Termino reafirmando, como Presidente da Liga dos Combatentes, que consideramos que elas são responsabilidades mútuas, de apoio moral e material por parte do Estado e do Cidadão, singular ou organizado e que continuaremos lutando, com os meios disponíveis ou a conquistar, para que sejam proporcionados às Vítimas de Guerra serviços e atitudes que lhes garantam: Reconhecimento, Tratamento, Acompanhamento e Não Vitimização.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CONDECORAÇÃO DO PRESIDENTE DA LC NA EMBAIXADA DA RÚSSIA

8 de setembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Embaixador da Rússia em Lisboa

A cerimónia que V. Exa. decidiu organizar hoje, com esta finalidade, é de grande significado e importância para a Liga dos Combatentes, instituição patriótica e humanitária. Ela materializa o reconhecimento da importância do aprofundamento das relações existentes entre as nossas Associações de Combatentes. A iniciativa da Associação dos Antigos Combatentes Russos em Angola, lugar onde muitos portugueses se bateram durante séculos, toca fundo todos os combatentes membros da Liga dos Combatentes e em especial o seu Presidente. Esta agradável surpresa é para nós, por um lado, um exemplo de vitalidade, visibilidade e trabalho realizado pela Liga dos Combatentes, que uma vez mais se vê reconhecida por países amigos. Por outro lado, num mundo globalizado, constitui um momento de partilha de memórias, em que é fácil reconhecer a facilidade com que os combatentes, quantas vezes em situações de oposição ao longo da sua história, reconhecem a sua missão comum; a de servir o seu país, no respeito pelas políticas de cada um. É essa condição militar e o reconhecimento profundo da delicadeza e identidade das suas missões, que conduzem a um entendimento e relacionamento fácil entre combatentes, logo que as condições o permitem.

Em termos pessoais, é para mim uma honra e uma distinção ser agraciado nesta embaixada pelos motivos que estão na base das nossas instituições: promoverem e lutarem pelo apoio aos antigos combatentes, no âmbito dos apoios à saúde, apoios sociais e à cultura, cidadania e defesa dos nossos países. Permitam-me uma palavra de agradecimento ao Exmo. senhor Encarregado da Agência Federal da Rússia para os Assuntos Humanitários Vladimir Shalatin. Ele próprio membro da Associação de Antigos Combatentes Russos em Angola, hoje ao serviço da embaixada russa em Lisboa, pelo esforço desenvolvido no aprofundamento do nosso relacionamento.

Uma palavra muito sentida para os Exmos. Convidados e amigos que me deram a honra da vossa presença.

Obrigado a todos

A V.^a Ex.^a Senhor Embaixador uma vez mais o meu muito obrigado pela distinção que entendeu dar a esta cerimónia. Permita-me eu termine fazendo um voto para que as relações entre os nossos dois países sigam na linha das iniciadas no séc. XVIII por D. Maria I de Portugal e D. Catarina da Rússia e prosseguiram depois nos campos comercial e militar nos séc. XIX e princípios do séc. XX, restabelecendo-se depois em 1974/76 após um interregno de 56 anos. Que este ato simbólico de hoje contribua para o aprofundamento dessas relações

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

LANÇAMENTO DO LIVRO «GUARITAS, ARTE E ENGENHO», DE MOUTINHO BORGES E MARÍN GARCIA, NO FORTE DO BOM SUCESSO

16 de setembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhor General Ramalho Eanes, Dr.^a Manuela

Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Tenho muita honra e satisfação em vos receber para que se faça hoje a apresentação do livro Guaritas Arte e Engenho, com relevo para um dos autores desta obra, hoje aqui presente, por três razões:

A primeira, porque o autor Dr. Moutinho Borges para além do seu importante currículo como doutor, investigador e conservador, dotes expostos na obra e por isso do conhecimento de V.^{as} Ex.^{as}, é um homem da esgrima. É por isso que, como homem também da esgrima, desde longa data o recorde como entusiasta e bom espadista que foi.

Aí, simulou a arte e ciência de utilização das armas no combate próximo, normalmente procurando a ação ofensiva para, utilizando o espaço e o tempo que o separava do adversário, olhos nos olhos, ser mais rápido e, numa fração de segundo, garantir a vitória.

Em segundo lugar, porque, na obra que hoje apresenta, nos dá uma outra ótica da vida e nos transporta a uma época da nossa história, onde nos revela a característica militar defensiva, aqui não simulada, própria dos fortes e fortalezas e de outras arquiteturas abaluartadas, trabalhando de uma forma científica, um olhar inteligente, muito específico.

Em terceiro lugar porque escolheu para lançar a sua obra, o nosso Forte do Bom Sucesso, hoje Museu do Combatente. Eu disse um olhar inteligente muito específico. De facto, um olhar atento sobre a obra, imediatamente nos revela que tal como na visão Laser, também o autor foi para além da simples visão.

Realmente, viu, reconheceu, identificou, descreveu e atuou sobre um espaço específico de um conjunto que a visão comum de um todo, normalmente nos não revela no conjunto complexo de baluartes e revelins. A simples, mas ao mesmo tempo complexa e sintomática decisão, de numa arquitetura militar se debruçar sobre um espaço delimitado e solitário, mas de enorme significado nos fortes, fortalezas e arquiteturas abaluartadas, revela-nos um autor sensível ao belo, ao pormenor e sobretudo ao humano.

É que uma guarita, estrutura simples e delicada não é mais que uma armadura individual de um homem só, onde a história do observador, do vigilante, do protetor, do defensor se confundem com a necessidade de coragem e de convicções profundas que permitiam informar, resistir ou combater nos momentos decisivos. Olhar uma guarita, por mais arte e engenho de quem a concebeu e construiu, é olhar o homem que o seu interior acolheu e as condições e as contradições que proporcionou.

É uma obra que nos mostra a pedra trabalhada dando origem a este componente de formas múltiplas, da arquitetura militar: as Guaritas.

Mas é ainda muito mais do que isso. É uma obra que nos apresenta os verdadeiros altares do soldado no cumprimento dos seus mais sagrados deveres: os deveres da Sentinela.

Sentinela estratégica que delas vê para além do horizonte. Sentinela tática que delas vê para além e para aquém do monte. Estética ou utilitária, a guarita é sempre um espaço enriquecedor do complexo arquitetónico defensivo de que faz parte.

Meus senhores e minhas senhoras

Uma palavra sincera de felicitações a Augusto Moutinho Borges e Marín Garcia pela obra que nos apresentam e como diz o Gen. Sousa Pinto no prefácio, é de indiscutível interesse para a história militar de Portugal.

Felicitações à editora *By de Book*, na pessoa da Dra. Ana Albuquerque pela excelente e feliz execução e apresentação da obra.

Muito obrigado por terem vindo até ao Forte do Bom Sucesso, nomeadamente ao Museu do Combatente e consequentemente à Liga dos Combatentes.

Ações como esta ajudam-nos a confirmar este lugar como um verdadeiro espaço de cultura.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA INTERNACIONAL DA PAZ

21 de setembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Caros Combatentes

Pelo terceiro ano consecutivo reunimo-nos no dia 21 de setembro para, no respeito por uma orientação da FMAC, de que somos membros, evocarmos a Paz através de uma marcha pela paz.

Hoje pelo mundo inteiro os combatentes de quase duas centenas de países reúnem-se espiritualmente com uma finalidade comum. Concentram-se ou marcham evocando a Paz.

De facto, ao contrário do que aconteceu ao longo da história, em que a Paz era o estado normal das sociedades e a guerra um episódio esporádico e temporário, hoje, o estado normal das sociedades, num mundo globalizado e ameaças sem frentes, multifacetadas, difusas e com probabilidade de se materializarem em qualquer ponto do globo, o estado normal, dizia, passou a ser a insegurança, a vigilância permanente e a necessidade da gestão permanente da incerteza.

Trata-se, pois, de um permanente estado global de guerra dos espíritos, com aplicação esporádica da coação. Ao contrário de outros tempos, estado de guerra em muitos pontos do globo, sem qualquer declaração de guerra entre os beligerantes.

Importa, pois, regressar à Paz dos espíritos. Fazemo-lo com convencimento interior de que o diálogo deve sobrepor-se ao conflito e que este só deverá ocorrer em situações excecionais de defesa dos interesses vitais e de sobrevivência de um povo.

O nosso ato de hoje é um ato simbólico. De facto, em muitos desses países enquanto muitos marcham pela paz outros seus camaradas batem-se em conflito aberto. É esta incoerência e incongruência que o homem, os países e quem os governa não conseguem ultrapassar.

Por isso tem plena justificação que nós, que já tivemos que sofrer e fazer a guerra, usemos a nossa força moral para nos manifestarmos publicamente pela Paz. Pela prioridade que deve ser dada à Paz ou ao seu restabelecimento.

Todos reconhecem o flagelo da guerra. Nós sofremos esse flagelo na própria carne.

Hoje como cidadãos, civis ou militares que somos, sem que defendamos o pacifismo doentio e provocador de perda de identidade de um povo, somos pela manutenção, a todo o custo, da Paz entre as Nações.

Este ano mais uma vez somos poucos os que aqui vimos.

O esforço que fizemos e o programa que estabelecemos para que assim não fosse temos que reconhecer não foi suficientemente convincente e divulgado.

Julgamos por isso que em anos futuros importa termos imaginação para que nos organizemos e desenvolvamos um programa que chame a atenção dos portugueses para este sentimento que invade qualquer combatente e que dirá certamente: Fiz a guerra; fá-la-ia novamente se Portugal o decidir; mas luto todos os dias pela Paz entre os Homens e entre os Povos.

Acresce que para o ano se perfazem 50 anos sobre o início da guerra colonial em África e da queda da Índia. Importa, pois, que a marcha pela Paz do ano de 2011, no dia 21 de setembro de 2010 se inclua na invocação da Paz que ali conseguimos obter.

Essa evocação do próximo ano, deve mesmo sublinhar especialmente a Paz que hoje se vive entre os países de expressão portuguesa e julgamos deverá ter uma visibilidade superior à deste ano e dos anos anteriores.

Pensemos, pois, noutras fórmulas. Nomeadamente numa marcha simbólica entre os Monumentos à Guerra Peninsular, no Campo Grande, o Monumento aos Combatentes da IGG na Avenida da Liberdade e o Monumento aos Combatentes do Ultramar em Belém. Estudemos esta hipótese e os apoios possíveis para ser possível esta iniciativa e daremos mais visibilidade a este sentimento de grandeza que a própria Paz encerra e que os cidadãos dos países de expressão portuguesa hoje vivem após 50 anos do início de um conflito de que fomos testemunhas e participantes.

Termino com um voto para que cada cidadão deste mundo global seja um contribuinte ativo para a Paz no Mundo.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO NÚCLEO DE MIRANDELA DA LIGA DOS COMBATENTES

25 de setembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Exmo. Senhor Presidente da Câmara da Mirandela
Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Mirandela
Ilustres entidades civis e militares

Ilustres convidados
Caros Combatentes

A Liga dos Combatentes, instituição quase secular com carácter patriótico, e humanitário, da qual cerca de duas centenas de milhar de portugueses decidiram um dia fazer-se membros, porque se reviam nos seus objetivos e seus valores, tem hoje mais um momento alto na sua vida coletiva.

O renascimento de mais um núcleo no Portugal bem profundo.

Agradeço por isso, desde já, ao senhor Presidente da Câmara o apoio concedido.

V. Exa. senhor Presidente da Câmara, com muita alegria e satisfação nossa, respondeu hoje ao último ofício enviado pela Direção Central da Liga à Câmara de Mirandela, com o N.º 501 e datado de 1 de fevereiro de 1974. Nele se referia entre alguns considerandos o seguinte (cito):

Antes, porém, de ser encarada a extinção do núcleo da Liga de Mirandela, venho por o assunto à consideração de Vª Exª senhor Presidente, solicitando-lhe a fineza de informar-me se a Câmara Municipal da mui digna presidência de Vª Ex.ª está interessada na representação desta instituição nesta localidade. É incontestável que o apoio de Vª Ex.ª permitirá ainda estudar a estruturação do núcleo em novas bases que correspondam às motivações dos combatentes do ultramar.

Trinta e seis anos depois, recebemos hoje a resposta inequívoca de Vª Ex.ª. Agradeço igualmente a todas as forças vivas de Mirandela que se quiseram associar em Protocolo com as atividades da Liga dos Combatentes, quer a nível regional quer a nível nacional, nomeadamente o Instituto Piaget.

Agradeço da mesma forma a todos os que quiseram estar hoje connosco. Os combatentes e com eles a Liga dos Combatentes, espalhada por mais de oito dezenas de núcleos, reforça hoje a sua rede de solidariedade e apoio mútuo para com os seus membros, em especial para com os mais carenciados e suas famílias.

Em Trás-os-Montes, Mirandela junta-se a Bragança, Vinhais, Chaves e Vila Real dando uma imagem real de vitalidade e rejuvenescimento da Liga dos Combatentes, instituição que se revê em todos os conflitos em que Portugal tomou, toma ou vier a tomar parte. Por isso aqui estamos hoje inaugurando um novo Núcleo, assim como estamos em Mora inaugurando um novo monumento e estaremos amanhã em Abrantes comemorando mais um novo aniversário do Núcleo daquela cidade. Ou da mesma forma que regressámos ontem de Moçambique onde terminámos mais uma operação no âmbito do programa estruturante Conservação das Memórias ou chegámos dos Açores, onde com o núcleo de Angra do Heroísmo desenvolvemos um seminário

no âmbito do Programa Estruturante Cuidados de Saúde. Da mesma forma como estaremos na segunda-feira na Mealhada comemorando com o Exército e a participação do núcleo de Aveiro, os duzentos anos da Batalha do Buçaco.

Meus senhores e minhas senhoras.

A Liga dos Combatentes é uma instituição viva, moderna, que a par da sua vida do dia-a-dia desenvolve Programas Estruturantes que constituem os motores de uma atividade em proveito dos combatentes com dois grandes objetivos: honrar os que caíram, dignificar e apoiar os que vivem. Mirandela e os seus combatentes da guerra do ultramar e das operações de imposição da Paz ou Humanitárias, com os cidadãos que por se reverem nos seus problemas e nos objetivos da Liga se nos quiserem juntar como membros apoiantes, integra-se hoje nesta rede de valores e princípios pelos quais vale a pena lutar.

A nossa perenidade resulta de fenómenos como o que aqui vivemos hoje. O renascer de um novo ramo desta frondosa arvore que é a Liga dos Combatentes. São esses novos ramos, que renascem de raízes que não secam, que se inserem na experiência do passado e na força e saber do presente e que nos dão a certeza de que tal como os combatentes da IGG passaram o testemunho aos combatentes da guerra do ultramar, nós os combatentes do ultramar, saberemos passá-lo aos combatentes dos conflitos em que hoje Portugal toma parte. Todos somos combatentes por Portugal e todos servimos, por decisão política do momento, os interesses vitais considerados em cada momento, em qualquer parte do mundo.

Inauguramos hoje esta nossa casa no dia internacional do turismo. Turismo é partilha de memória. Turismo é cultura. A promoção da cultura, a par do ensino, do trabalho e da solidariedade em proveito do nosso país e em especial dos seus membros é um dos objetivos estatutários da Liga. Estamos por isso, em permanência atentos e disponíveis para ser úteis e assim nos devemos apresentar perante as autoridades e entidades públicas e os cidadãos em geral. Fomos, somos e queremos continuar a ser úteis ao país e aos sócios da liga em particular.

Somos todos voluntários e eleitos democraticamente. Devemos por isso abraçar com determinação e disponibilidade as responsabilidades que assumimos.

Garantirmos a continuidade, vencermos e ajudarmos a vencer os obstáculos e problemas com que nos deparamos. Resistirmos ao desanimo quando ele porventura nos bata à porta e garantirmos que os entusiasmos iniciais se transformem conscientemente em deveres permanentes ao serviço de uma causa de que vale a pena ser contribuinte e participante ativo.

Pela dignidade do Homem e Mulher Combatentes.

Desde já o meu apreço pelo trabalho inovador, planeado e entusiasta da direcção do núcleo e do seu presidente. O meu pensamento para os combatentes de Mirandela caídos ao serviço de Portugal. Um voto de sucesso para o Núcleo da Liga dos Combatentes de Mirandela.

Um voto de Progresso, paz, justiça e segurança para toda a população de Mirandela.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

LIGA DOS COMBATENTES – IMAGEM SEMPRE RENOVADA

12 de outubro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

A constatação da História que as sustenta, do conhecimento das ações desenvolvidas durante uma longa vivência, bem como das atuais atividades e das perspectivas de futuro, são fundamentais para permitir concluir se determinadas organizações estão, ou não, ao serviço do país e dos seus membros. Quando os objetivos dessas organizações se situam no âmbito do patriotismo, da solidariedade e do apoio mútuo aos mais carenciados e esses objetivos são prosseguidos por uma estrutura servida totalmente por voluntários, situamo-nos no âmbito daquilo a que podemos designar por verdadeiras Instituições Nacionais. Todas as características enunciadas são estruturantes da quase secular Liga dos Combatentes.

Fundada logo após a I GG, no ano de 1923, para apoiar os combatentes que regressados da Flandres e de África, onde se tinham batido ao serviço de Portugal, se viram abandonados ou insuficientemente apoiados pelo estado, nomeadamente mutilados, cegos, gaseados, a Liga dos Combatentes atravessou todo o século XX no cumprimento dos seus objetivos. Foi a autêntica Misericórdia dos Combatentes e famílias. Continua nos nossos dias com a mesma força, agora no apoio aos que fizeram a guerra do Ultramar, nomeadamente mutilados, stressados, cegos ou sem abrigo e continua apoiando os que, ao serviço do país, se bateram ou batem na Bósnia, Kosovo. Iraque, Afeganistão, Timor, Líbano e África.

A Liga dos Combatentes é, pois, uma Instituição Nacional. Perene, porque está e estará aberta a todo o cidadão nacional ou estrangeiro que tenha servido o país numa missão de segurança ou de defesa nacional (membro combatente) e a todos os cidadãos portugueses que tenham jurado bandeira e prestado serviço nas Forças Armadas ou de Segurança (membros efetivos). Abrangente e transversal da sociedade portuguesa, porque qualquer cidadão masculino ou feminino, tenha ou não servido nas Forças Armadas, que se reveja nos objetivos da Liga dos Combatentes, pode ser membro desta Instituição Particular de Solidariedade Social (membros apoiantes). E por isso natural encontrar desde sócios sem-abrigo desejando pagar as suas cotas, até aos mais altos responsáveis políticos e militares. É igualmente fomentadora do apoio das famílias aos membros combatentes e efetivos, porque os admite como membros, mulheres, filhos e netos (membros extraordinários). Embora sob tutela do Ministério da Defesa Nacional é uma instituição democrática autónoma, cujos dirigentes, (cerca de 400) todos voluntários, sem qualquer remuneração ou senhas de presença, são eleitos em Assembleias Gerais. Nenhum dos seus membros é nomeado pelo Governo.

A propósito, deve sublinhar-se que se tratando de uma instituição não partidária, nem religiosa, nunca desde a criação fechou as suas portas, fosse qual fosse o governo que tivesse estado à frente do país. Ao longo da sua história instalada em todo o território nacional e África com mais duas centenas e meia de agências viu o seu dispositivo reduzido, após a independência dos territórios ultramarinos. Em 2003 era de 64, o número de Núcleos da LC existente no país. Hoje, no país e no estrangeiro, esse número ascende a 86 e tem tendência para aumentar. Outros sinais de vitalidade da Instituição podem ser observados ao verificar-se que na última meia dúzia de anos se inscreveram como novos membros mais 30.000 sócios, atingindo o número de inscrição administrativa os 179.000: aumentaram significativamente o número de monumentos erguidos em memória ou em homenagem dos combatentes do Ultramar (52 em 2003, cerca de 150 em

2010): aumentou significativamente o número de Ossários e Talhões dos Combatentes (mais quatro ossários (84) e 24 talhões (224)).

Mantém como sempre e no respeito do princípio, honrar os mortos e dignificar os vivos, a Liga dos Combatentes promove e organiza cerimónias anuais comemorativas do Dia do Combatente, a 9 de abril, na Batalha, o dia de Portugal, em todo o país a 10 de Junho, o dia da Liga a 16 de outubro e o Dia do Armistício e da Paz entre as Nações a 11 de novembro. Igualmente de grande relevo em todo o país os Núcleos assinalam o dia de Finados. Para além destes indicadores vivos, sinónimos de coesão e comunhão de sentimentos, a Liga dos Combatentes desenvolve hoje um conjunto de Programas Estruturantes que se constituem em verdadeiras artérias da sua vitalidade atual e futura. Fiel ao grito que decidiu adotar:

*Liga dos Combatentes?
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes?
Em Todas as Frentes!*

Foram definidos seis Programas Estruturantes, abrangentes das áreas consideradas fundamentais para o cumprimento dos seus objetivos. Estes, em síntese, podem definir-se como:

- Promoção da História, do amor à Pátria e do respeito pelos símbolos nacionais, em especial junto da juventude;
- Cooperação com as entidades e autoridades governamentais no desenvolvimento da solidariedade e apoio mútuo em proveito dos mais carenciados;
- Criação e manutenção de departamentos ou estabelecimentos de ensino, cultura, trabalho e de solidariedade, em proveito geral do país e dos seus membros em particular.

Foi na prossecução destes objetivos que foram definidos em 2003, os seguintes Programas Estratégicos e Estruturantes:

- Programa Estruturante Liga Solitária;
- Programa Estruturante Conservação das Memórias;
- Programa Estruturante Cultura, Cidadania e Defesa;
- Programa Estruturante Inovação e Modernização;
- Programa Estruturante Cuidados de Saúde;
- Programa Estruturante Passagem de Testemunho.

O PE Liga Solidária procura o apoio a combatentes e famílias idosos, preocupando-se com a chamada terceira idade. Está em fase de conclusão a adaptação do Lar dos Filhos dos Combatentes, no Porto. Aí surgirá uma Casa de Apoio aos Combatentes e uma Creche. As cidades de Oliveira de Azeméis, Covilhã, Estremoz, Caldas da Rainha e Vila de Rei são locais com terrenos cedidos pelas câmaras, com projeto e que aguardam apoios financeiros. Para este programa tivemos já ações de apoio por parte da Revista Segurança e Defesa que agradecemos. O PE Conservação das Memórias tem como objetivos a localização, identificação, concentração e dignificação dos lugares, no mundo inteiro, onde se encontram inúmeros militares portugueses caídos em missão de serviço. A pedido das famílias e sob sua responsabilidade a Liga dos Combatentes apoia igualmente a trasladação para Portugal. O Programa iniciou-se pela Guiné e após cinco Operações ao longo de dois anos e a reconstrução de uma Igreja para servir de ossário,

foi possível concentrar no cemitério de Bissau todos os portugueses saídos da chamada metrópole, ali caídos durante a guerra do ultramar. Encontram-se hoje em Bissau 352 militares, tendo sido exumados 50 de outros locais da Guiné para Bissau e trasladados nove para Portugal. Outras ações têm sido realizadas das quais salientamos a recuperação da cripta do Alto de S. João e a criação ali e um Túmulo dos Marechais, onde se encontra o Marechal Gomes da Costa, Marechal Spínola e para onde se aguarda a trasladação do Marechal Costa Gomes, após exumação; igualmente a recuperação do pórtico do Cemitério de Richebourg, onde se encontram 1836 portugueses caídos na I GG e a intervenção em todo o cemitério merecem relevo; bem como as ações em Cabo Verde e S. Tomé.

De momento, a Liga dos Combatentes tem planeada uma nova operação abrindo a frente de Moçambique que se realizará entre 4 e 22 de setembro de 2010, com os objetivos de reconhecer, no terreno, os dados de planeamento existentes e preparar novas ações de intervenção. É um Programa complexo e sem fim definido, como qualquer dos outros, e que exige a garantia de que as ações que têm sido levadas a efeito tenham continuidade no tempo, quanto à manutenção da dignidade atingida. Assinale-se que ainda hoje, quase um século depois, continuamos a garantir a dignidade do cemitério de Richebourg em França. Esforços contínuos são feitos no que se refere aos 224 talhões em Portugal.

No que diz respeito ao PE Cultura Cidadania e Defesa, para além dos prémios que estabelecemos para os melhores alunos dos estabelecimentos de ensino militares, sublinhamos a recuperação que está sendo conseguida do Forte do Bom Sucesso, estrutura completamente abandonada e onde hoje se encontra em instalação o Museu do Combatente, com exposições permanentes e temporárias. Constitui conjuntamente com o Monumento aos Combatentes do Ultramar, por que somos responsáveis, uma área de visita obrigatória para qualquer cidadão.

Hoje pode perfeitamente viver-se ali o nascimento do Império, que a Torre de Belém simboliza e o fim desse mesmo Império, simbolizado, naquele espaço, por quase dez mil nomes que revestem as paredes do Forte e o próprio Museu e Monumento aos Combatentes, hoje enriquecido com um Monumento aos Cem Anos da Aviação em Portugal. Neste âmbito, para além da Revista Combatente publicada trimestralmente, assinalam-se as diversas edições realizadas de que destacamos a Coleção Fim do Império ou os livros Revisitar Goa Damão e Diu, A Mulher Portuguesa na Guerra e nas Forças Armadas, Desenhos Humorísticos Militares, Monumento aos Combatentes do Ultramar e *Coping*, estratégias de stress nos combatentes, entre outros.

É igualmente notória a abertura ao exterior com protocolos nos mais diversos campos com entidades públicas, privadas e universidades. Registem-se ainda as intervenções realizadas nos programas Causas Comuns e Sociedade Civil na RTP2. O PE Inovação e Modernização tem-se preocupado fundamentalmente por garantir maior funcionalidade da nossa instituição. Hoje a maior parte dos Núcleos está informatizado e fazem-se esforços para uma maior modernização das comunicações. Têm-se programas de digitalização dos arquivos históricos da Liga assim como foi possível a instalação de painéis voltaicos em áreas específicas, o que para além de nos tornar numa instituição colaboradora do bom ambiente, nos coloca nos produtores de energia limpa. Ainda no âmbito deste programa se destaca a adesão às novas oportunidades o que já permitiu a vários funcionários da Liga obter qualificações do 12.º Ano de escolaridade.

O PE Cuidados de Saúde foi desenvolvido a partir da criação em 2005 de um Centro de Estudos. Apoio Médico Psicológico e Social que viria a ser o centro de coordenação de cinco centros de apoio médico psicológico e social desenvolvidos em Lisboa, Loulé, Coimbra, Potro e Chaves e se

constituem em centros que servem todo o país e onde todos os Núcleos constitutivos da Liga são elementos de sinalização dos problemas existentes no campo da saúde física, mental ou de exclusão social. O trabalho que vem sendo feito nos últimos três anos no âmbito científico, da formação e do apoio direto no terreno aos mais carenciados é um trabalho assinalável e exige apoio para a sua manutenção e estabilização.

Finalmente o PE Passagem do Testemunho. Tem por finalidade o estabelecimento de ações concretas e coordenadas com as Forças Armadas no sentido de garantir que os combatentes que hoje defendem os interesses do país nas operações de paz venham associar-se à nossa Instituição, garantindo os apoios que necessitem. Assim como os combatentes do ultramar receberam das mãos dos combatentes da I GG uma instituição valorosa assim nós desejamos hoje passar àqueles que serviram Portugal nos conflitos em que está envolvido, uma instituição moderna e perene. A Liga dos Combatentes tem já hoje dirigentes que participaram nesses conflitos.

Deseja aprofundar esse objetivo. De notar que a Liga é hoje herdeira dos valores morais e materiais de associações que existiram ao longo do século vinte e os legaram à Liga dos Combatentes. Estão nesse caso a Junta Patriótica do Norte, a Cruzada das Mulheres Portuguesas, a Comissão dos Padrões da Grande Guerra, o Movimento Nacional Feminino, a Associação dos Mutilados da Grande Guerra.

A Liga, herdeira de valores superiores, tem no seu estandarte nacional as mais altas condecorações de que se destacam duas medalhas de Torre Espada Valor Lealdade e Mérito, uma medalha de Cruz de Guerra la Classe, Grã-Cruz de Mérito Militar, Ouro de Serviços Distintos, Infante D. Henrique e Ordem da Benemerência da Cruz Vermelha. E assim clara a propensão para as associações se reverem nos valores unanimemente reconhecidos e nos objetivos últimos da Liga e nela virem a depositar os seus valores morais e materiais. Continuaremos abertos a quem se queira juntar a nós, aumentando assim a grande família dos combatentes de ontem, de hoje e do futuro. Todos os Programas referidos se desenvolvem simultaneamente com a vida corrente da Liga, onde se destaca o trabalho permanente, em rede, da quase centena de Núcleos espalhados pelo país e estrangeiro e que são, com as suas Direções e os seus sócios, a nossa verdadeira razão de ser.

Termino após ter tentado expor aquilo que é hoje a imagem sempre renovada da Liga dos Combatentes. Mas como Instituição moderna que se preza, deverei solicitá-lo, para melhor a conhecer, a que consulte o nosso site em www.ligacombatentes.org Aí mesmo poderá, depois de completamente informado, inscrever-se nesta IPSS e com 18 euros por ano, apoiar os combatentes e famílias que necessitam do seu auxílio, já que eles responderam, de armas na mão, quando a isso foram solicitados, com risco da própria vida, a defenderem os interesses vitais de Portugal e por isso direta ou indiretamente defenderam-no e defendem-no a si mesmo

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

92.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 87.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E 36.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

13 de novembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional

Em meu nome e de muitos milhares de combatentes, membros da Liga dos Combatentes, agradeço a imediata aceitação e disponibilidade de V^ª Ex.^ª para presidir a esta cerimónia.

Há precisamente um ano, acabava V^ª Ex.^ª de assumir as atuais funções, esteve igualmente connosco proferindo palavras de reconhecimento e incentivo que nos tocaram e registámos com satisfação.

Cumpre-me hoje publicamente sublinhar a atitude política de compreensão e apoio que V^ª Ex.^ª e o senhor Secretário de Estado têm tido para com a Liga dos Combatentes.

O nosso reconhecimento pela vossa presença e pelos apoios concedidos à Liga dos Combatentes ao longo do ano em curso. Sempre a Liga dos Combatentes cumpriu missões de interesse nacional em áreas onde o estado tem ficado aquém das necessidades. Mas sabemos também que isso só tem sido possível e só continuará a sê-lo, com os apoios dos Governos, das Forças Armadas e Forças de Segurança.

É evidente para todos que a sobrevivência secular, a perenidade e a inegável utilidade pública da Liga, face às atividades de solidariedade e patrióticas que desenvolve, só tem sido e só continuará a ser possível com esses apoios financeiros e humanos. Sentimos e somos testemunhas do trabalho útil, solidário, patriótico e humanitário que mais de quatrocentos dirigentes voluntários e dezenas de milhares de combatentes desenvolvem. Consideramos ser do interesse nacional terem possibilidade de poderem continuar a desenvolver as suas atividades e apoiar os mais carenciados.

Exmo. Senhor Professor Doutor Eduardo Marçal Grilo

Não obstante a sua apertada agenda de trabalho temos a honra de o ter hoje connosco. Agradecemos sensibilizados em nome da Liga dos Combatentes ter aceitado o convite que lhe formulámos para que, neste dia festivo e evocativo de momentos da nossa história recente, aqui nos deixe o contributo de um ilustre cidadão atento aos problemas da Educação, das Forças Armadas e dos Combatentes em geral.

Permitam-me uma palavra de agradecimento à Mme Felícia Pailleux pela sua presença entre nós trazendo-nos o histórico estandarte da Liga, em Lillers, de que seu pai, combatente da IGG e ela própria foram porta-estandarte em França, durante os últimos oitenta e um anos.

Caros Combatentes e Exmas. Famílias
Minhas Senhoras e meus Senhores

1918 e 1974 são dois anos do Sec. XX que, independentemente de outras considerações se inscrevem na memória dos portugueses como anos em que se materializou o fim de duas guerras. Anos que marcam o fim de acontecimentos que exigiram esforços sobre humanos a muitos deles,

com consequências para além deles, que ainda hoje perduram. A Liga dos Combatentes acontece porque aqueles fenómenos anormais da convivência humana aconteceram, nascendo com a finalidade de colmatar algumas das consequências desumanas que aqueles fenómenos provocaram.

É, pois, absolutamente natural que a Liga dos Combatentes venha ao longo dos anos a não deixar esquecer esse esforço nacional e individual. Comemoramos hoje três efemérides. Duas que evocam dois momentos de paz. O fim da IGG, há 92 anos, e o fim da Guerra do Ultramar há 36. Conflitos que são a razão de ser da nossa vivência como Instituição patriótica e de solidariedade e de cuja fundação assinalamos hoje o 87.º aniversário. Mais uma vez o fazemos neste espaço de homenagem ao soldado português e por isso de enorme significado para os combatentes por Portugal.

Ladeado por um ícone histórico, a Torre de Belém, e por um recente ícone científico, a Fundação Champalimaud, um ícone de Cultura, Cidadania e Defesa levanta-se hoje no Forte do Bom Sucesso, com o Museu do Combatente e o Monumento aos Combatentes do Ultramar. Começa a poder oferecer-se á sociedade portuguesa e aos combatentes, um espaço onde a partilha da memória comum e da história recente militar, permitem a promoção da cidadania, da cultura e do espírito de defesa.

Estamos com isso cumprindo um objetivo explícito dos nossos estatutos. Há 89 anos meia dúzia de combatentes movidos por um sentimento patriótico e humanitário decidiram levar por diante uma ideia de solidariedade e apoio mútuo para com os seus camaradas havia três anos regressados das frentes, europeia e africana, da I GG.

Passados dois anos, em reunião geral, elaboravam a primeira ata criando a estrutura do que viria a ser a Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Evocamos mais uma vez, a história de todo o passado que conhecemos. Passado que se inspira em objetivos absolutamente atuais. Em termos da União Europeia vivemos o ano europeu de luta contra a fome a exclusão social e a pobreza. Em termos de ONU temos esses objetivos como objetivos do milénio. Em termos de Liga dos Combatentes temos esses lemas como objetivos diários há quase um século.

Mas as grandes instituições inspirando-se e orgulhando-se do seu passado, mostram vitalidade e saúde, quando têm razões para falar do presente e do futuro. Por isso é do presente e do futuro que durante alguns momentos vos falarei hoje. Na prossecução dos objetivos estatutários da Liga, esta continuou a reger-se, no corrente ano, por quatro grandes linhas de ação:

- Liderança;
- Inovação;
- Gestão;
- Abertura.

Liderança do Movimento Associativo, de que é exemplo a sua contribuição para a organização, no corrente ano, do Congresso dos Combatentes e para a organização do desfile dos combatentes na cerimónia militar do passado dia 10 de Junho. Liderança nas comemorações do 9 de abril e 11 de novembro bem como na comemoração (pela primeira vez) do fim da Guerra do Ultramar em comunhão com esta última efeméride.

Liderança na implantação de um novo conceito de combatente, que evita a designação de ex-combatentes ou antigos combatentes, para adotar o conceito alargado e abrangente de combatente, condição que uma vez adquirida jamais é perdida. Pelo contrário é usada com toda a honra pela vida fora. Enfim Liderança na forma como sempre apoiou e continua a apoiar os combatentes e suas famílias.

Inovação que se expressa no conjunto de programas estratégicos definidos e prosseguidos há cinco anos e que nunca é demais enunciar já que eles perseguem os objetivos que são a nossa razão de existir e como tenho afirmado são as artérias da nossa vida corrente:

- Liga Solidária;
- Cultura Cidadania e Defesa;
- Conservação das Memórias;
- Inovação e Modernização;
- Cuidados de Saúde;
- Passagem de Testemunho.

No Programa Estratégico Liga Solidária assinalo no corrente ano:

- A finalização da creche no Lar dos Filhos dos Combatentes do Porto cuja inauguração se prevê para finais do corrente ano;
- O fim da primeira fase de adaptação do Lar do Porto e início da última fase de obras de adaptação, prevendo-se a sua finalização para o próximo ano;
- O facto de, mais uma vez, se não ter sido apoiado pela Segurança Social em qualquer dos concursos relativamente aos outros lares.

No Programa Cultura Cidadania e Defesa:

- É com satisfação que tomámos conhecimento da determinação do Sr. Ministro da Defesa para através do IDN preparar a introdução no ensino básico e secundário de matérias referentes à defesa e segurança, como ensino para a cidadania. Proposta por mais de uma vez feita pela Liga e que consta das conclusões do último Congresso dos Combatentes;
- Demos continuação à recuperação, requalificação e manutenção do Forte do Bom Sucesso. No corrente ano enriquecido, com o estabelecimento do Café do Forte, com a recuperação e dignificação das instalações sanitárias exteriores, a adaptação e criação de um novo espaço para exposição permanente da História mundial da aviação militar, para além da criação de novos espaços museológicos com o apoio da Marinha e do Exército, a inaugurar hoje.

Gostaria também se agradecer ao Exmo. Senhor Eng.º José Maria Sardinha por ter decidido doar à Liga o produto do seu trabalho de uma vida inteira e que nos permite colocar à disposição do público um espaço pedagógico único, sobre a história da aviação militar mundial.

No âmbito da cultura assinalo ainda para além da nossa revista trimestral, a edição do Livro Revisitar Goa Damão e Diu, resultante do ciclo de conferências aqui realizadas, do Livro *Coping*, estratégias para o stress pós-traumático em combatentes, e do primeiro livro da coleção «Fim do Império», na sequência da tertúlia coordenada pelo núcleo de Oeiras na galeria Verney. De referir ainda as exposições de pintura e fotográficas e Os Combatentes na I República a inaugurar hoje, com a exposição de pintura de Umbelina Ribeiro e a História da Aviação Militar.

No programa estruturante Cuidados de Saúde, dinamizado numa perspetiva integrada e de funcionamento em rede através dos Núcleos, assinalo a materialização, com equipas multidisciplinares, da trilogia Centro de Estudos e Projetos de Investigação (CEPI), dos Centros de Apoio Médico Psicológico e Social CAMPS de Coimbra, Porto e Chaves, que se juntaram a Lisboa e Loulé, e do CAIS Centro de Apoio à Inclusão Social.

Assinalo igualmente as ações de formação realizadas e o apoio a doutoramentos e mestrados, bem como os protocolos realizados neste âmbito com a Universidade de Coimbra e Universidade do Minho e outras entidades de apoio social nomeadamente com o IASFA e Associação de Acolhimento de Alcântara a efetuar hoje. Acompanhamos cerca de 1500 combatentes e famílias em apoio médico psicológico e social, cerca de 300 famílias no apoio à inclusão social e 80 combatentes sem abrigo.

Agradecemos o apoio da Fundação Gulbenkian a este Programa Cuidados de Saúde, exemplo que gostaríamos de ver seguido por outras entidades contactadas. Está em curso o maior estudo sobre a prevalência do stress pós-traumático jamais realizado em Portugal. Estará concluído em 2012. O estudo está a ser realizado pelo CEAMPS da LC em parceria com o Centro de Investigação em Psicologia de uma Universidade com quem efetuámos protocolo em 2008.

No Programa Inovação e Modernização para além da continuação do esforço de informatização dos núcleos, da manutenção e desenvolvimento de um site moderno e permanentemente atualizado e que constitui hoje uma fonte de informação importante para os combatentes e público em geral e uma imagem moderna da Liga, estabeleceu-se um programa de investimento na área das energias renováveis. Inovámos na modernização do arquivo histórico da Liga que hoje pode ser consultado de maneira eficiente e digna para além de nos termos candidatado em programa externo para a digitalização do mesmo.

No Programa Conservação das Memórias é de sublinhar o cumprimento da Missão iniciada na República da Guiné-Bissau, com a realização da Quinta Operação naquele país, que conduziu à concentração, no cemitério de Bissau, de mais 41 corpos que se encontravam espalhados pelo país. Ainda no corrente ano assinalo a Operação Nova Frente que acaba de terminar em Moçambique e deu início a este novo compromisso e constituiu um reconhecimento profundo do Norte do país, conduzido por três elementos da Direção Central e dirigidos no terreno pelo Vice-Presidente da Liga.

Estivemos ainda no reconhecimento e controlo da situação no centro da Europa, nomeadamente em Richebourg, Boulogne-sur-Mer e Salomé. Gostaria de assinalar a restauração do monumento existente em Lacouture e que deu ao monumento a grandiosidade que teve aquando da sua entrega à cidade pela Liga dos Combatentes.

Estivemos em S. Tomé e Cabo Verde onde no início do corrente mês foi terminada a total recuperação e dignificação do talhão existente no Mindelo.

Continuámos a criação e dignificação dos Talhões em Portugal e Regiões Autónomas e sublinho a beneficiação realizada no Cemitério do Alto de S. João, dando melhor dignidade a um dos talhões ali existentes. A Liga não esquece. Continuamos a inovar ao desenvolver um projeto materializado num Plano de implementação sistemática do Programa Estratégico Passagem do Testemunho garantindo a perenidade da Liga com a inclusão dos novos combatentes das operações de paz e humanitárias.

A Inovação garantida com o estabelecimento destes Planos Estratégicos e Estruturantes é para nós, hoje evidente e deu uma nova vitalidade, visibilidade e utilidade, à nossa instituição. Para além da Liderança e da Inovação é indispensável garantir uma adequada Gestão de recursos humanos e materiais.

Definimos no início do ano, por diretiva, uma orientação tendo em vista a redução de despesas e a descoberta de formas de obtenção de receitas novas. Sofremos este ano de 2009, um corte de 20% no normal apoio do MDN para a vida corrente. Isso levou-nos à elaboração daquela diretiva já que o apoio estatutário a que o estado se obriga no apoio à Liga é, como já disse, indispensável para o cumprimento da sua missão. Conseguimos reduzir despesas, descobrir algumas novas receitas e aumentar os apoios.

O futuro recomenda os mesmos esforços, já feitos no corrente ano, fazendo o mesmo ou melhor, com os recursos que viermos a ter disponíveis. Aguardamos com expectativa os apoios para o novo ano. Todos, dirigentes, funcionários e sócios, estão conscientes na necessidade de fazer um maior esforço na obtenção de novas receitas, novos sócios, na recuperação das quotas não pagas e no aumento de sócios que se inscrevam no cartão GALP, bem como na garantia dos apoios externos.

Estes fatores são hoje determinantes para uma vivência ativa e útil da Liga quer no cumprimento dos seus objetivos quer na manutenção dos postos de trabalho hoje existentes. Finalmente a Linha de ação que denominámos de Abertura.

Assistimos hoje, a uma relação mais fácil com a comunicação social quer ao nível da televisão, com referências e programas mais frequentes, quer da comunicação escrita. Estabelecemos relações protocolares com diversas instituições atingindo o número de trinta, os protocolos realizados nos últimos anos e no ano em curso assinalo os protocolos com o MDN, a Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra, com o INATEL, com a Cister Cruzeiro, estando finalizados como já referido, os protocolos com a Universidade do Minho, com o Centro de Acolhimento e Reabilitação do Desafio Jovem de Alcântara e com o IASFA.

Abertura igualmente no diálogo com outras associações e que se materializa nas boas relações existentes e no reconhecimento das capacidades da Liga para continuar a luta pelos direitos e deveres de apoio aos combatentes.

Todos estamos conscientes dos momentos difíceis que vivemos. Por estranho que pareça não me ouviram empregar a palavra crise. Nem crise de valores, nem crise económico-financeira. Por duas razões. Crise de valores não temos. Crise económico-financeira sempre tivemos. Com ela convivemos há quase um século, pois nunca dispusemos de meios suficientes para acorrer às necessidades reais dos combatentes.

A nossa luta sempre foi uma luta pela dignidade dos vivos e pela honra dos caídos. Continuaremos lutando para que a solidariedade e apoio mútuo continuem a ser possíveis. Tudo quanto vem sendo realizado dificilmente seria conseguido se os elementos que constituem a direção dos Núcleos e a Direção Central nos últimos anos, não tivessem constituído uma equipa coesa e dedicada e totalmente voluntária no apoio ao Presidente da Direção Central.

Por isso é tempo de manifestar a todos o meu apreço e louvar todos os dirigentes e elementos da Direção Central.

Termino evocando mais uma vez o significado dos momentos que nos trazem aqui hoje e do espaço que nos rodeia e onde evocamos a memória dos soldados caídos por Portugal. É um verdadeiro Império da Memória. Por isso lhe dedico hoje, este poema a que dei o título de:

IMPÉRIO DA MEMÓRIA

*Neste espaço em que Portugal existe
Onde nasce Império de Quentes Sóis
Cruzam-se vozes que ouves e ouviste
Respira-se o sentir de alguns heróis.
O Tejo testemunha de longos anos
Sente-se ultrapassando as próprias margens
Levando nas águas lucros e danos
Maldades e bondades das homenagens.*

*Uma Torre marca o início do Império
Alem, obelisco de Gago Coutinho
Congrega do Ar e do Mar, todo o Génio.*

*Em Terra, carregada de História
Fim de Portugal de Timor ao Minho
É escrito em dez mil Nomes e Memória.*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ALMOÇO DE NATAL

17 de dezembro de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmas. Senhoras e Senhores

Permitam-me que agradeça a presença de todos e a todos formule votos de um feliz Natal e um ano novo tão próspero quanto possível. O tempo que se segue como preâmbulo ao almoço de Natal será preenchido por dois momentos distintos:

- Um momento de poesia;
- Um momento musical.

Encarregar-me-ei do momento de poesia. O Sargento-mor José Soares do momento musical. O momento de poesia decidi preenchê-lo com poemas inéditos que dediquei:

- À Marinha;
- À Força Aérea;
- Ao Exército;
- Ao País e,
- Ao Natal

São todos produto de sentimentos e vivências do passado e do presente. Começo pelo poema que dediquei à Marinha. Ele resulta de um certo desconforto que como cidadão sinto pelas relações que a partir de determinada altura passámos a ter com o Mar. Tem o título “De novo o Mar”

DE NOVO O MAR

*Queimem-se as rimas
Ignorem-se os ritmos
Risquem-se as vírgulas
Esqueçam-se os pontos
Sejam minúsculas as maiúsculas
Maiúsculas as minúsculas
Rasguem-se as velhas prosas
Que o Sol nos dê novo luar
Cheire-se uma nova Rosa
Que a poesia seja de novo o Mar
As rimas sejam de novo rimas
Os ritmos ventos de novas vidas
As vírgulas postas noutra lugar
As maiúsculas sejam lidas
Os pontos não nos façam parar
As minúsculas esquecidas
Que a nova prosa da vida seja
O que do Mar brotar!*

Relativamente à Força Aérea resolvi passar a papel algo da minha relação em campanha com os helicópteros que ainda hoje me transportam para os Dembos ou para o Leste de Angola quando ouço as suas pás.

“MOSCAS”

*Rosnam ruidosas “moscas”
Sobre nossas cabeças
O ruído é de seres aflitos
Zumbem como mosquitos
Ora nos largam
Ora nos buscam
Ora ouvem nossos gritos
E a música de suas pás
Feita de metálicos e sopros
Só é suave de embalar
Quando velozes, já no ar
Deixam para trás aquele inferno
Móveis, flexíveis, sem parar
Dão ao homem sensação de voar.*

A minha homenagem às Forças terrestres faço-o através de um poema ao Capitão Prudente com quem convivi nos Dembos quase dois anos.

AO CAPITÃO PRUDENTE

*Era imprudente o Prudente
No contacto com os Dembos
Mata densa e irreverente
Sempre que In mostrava os dentes.*

*Quantas vezes lhe gritei
Prudente! Não és pisteiro
O capitão dita a lei
Não é da fila o primeiro.*

*Não ouvindo qualquer conselho
Penetrava só no mato
Regressava de joelhos
Gritando: - Está livre o passo!*

*Até que, de repente, um dia
Marchando alegre na frente
Bala ceifa valentia
Leva Prudente p´ra sempre.*

Ao nosso país não posso propriamente fazer uma homenagem, mas saiu-me um desabafo a que dei o título de

ESTE PAÍS QUE É NOSSO

*Este país em que nascemos
Este país por quem lutámos
De armas de guerra na mão
Este país é nosso. Eu sei!
Este país que não multiplica os pães
Que tem cada vez menos pais
Que tem cada vez menos mães
Este país é nosso. Eu sei!*

*Este país em que os D's foram esperança
Em que Democracia foi uma certeza
Descolonização não fim de matança
Desenvolvimento uma fraqueza
Este país é nosso. Eu sei!*

*Neste país em que incompetência floresce
Em que novos D's se multiplicam
A esperança é Dívida
O Desemprego cresce
O Deficit martiriza.
Este país é nosso. Eu sei!*

*Neste mundo de bluff à nossa porta
Em que se escolhe o país
Para jogar à banca rota
Este país é nosso. Eu sei!*

*Sejam quais forem as condições da frota
É por este país que lutarei!*

*Tal e qual
Quer queiram quer não
Com todas as armas na mão
Defendendo Portugal*

*Tal e qual
Com alma e coração
Contra a especulação infernal
Com um novo D: Determinação.
Eu sei! É nosso este Portugal.*

Finalmente, permitam-me que termine com um poema que fiz após ter ouvido a minha neta mais nova num recente concerto de Natal do seu Colégio e que julgo nos situa na quadra que mais uma vez estamos a viver:

NATAL

*Cantam, cantam os meninos
Nesta época de Natal
Casa e escola são os ninhos
Com palha celestial*

*Respira-se um ar mais leve
Vê-se ao longe um sinal
Caia chuva ou caia neve
Resta-nos quente o Natal*

*Natal sempre presente
Nunca passado ou futuro
Sempre abrigo de toda gente*

*Então homens sem guerra
Cantarão com os meninos
A canção da Paz na Terra.*

Minhas senhoras e meus senhores termino com sinceros desejos de Boas Festas.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general